UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COLÓQUIO INTERNACIONAL ROUSSEAU 300 ANOS
COMEMORAÇÃO DO TRICENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ROUSSEAU

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

PUC-SP

SÃO PAULO, 17 A 21 DE SETEMBRO DE 2012

COLÓQUIO INTERNACIONAL ROUSSEAU 300 ANOS

Data: 17 a 21 de setembro de 2012

Locais: Departamento de Filosofia da PUC-SP, Departamento de Filosofia da USP, Sala São Paulo

Apoio: Consulado da França em São Paulo, Consulado da Suíça em São Paulo, Fapesp, Fundação São Paulo, Livraria Francesa, Livraria Martins Fontes, OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), TUCA (Teatro da PUC-SP)

Comissão Organizadora: Prof. Dr. Luiz Fernando Franklin de Matos (USP), Profa. Dra. Maria Constança Peres Pissarra (PUC-SP), Profa. Dra. Maria das Graças de Souza (USP)

Comitê Consultivo: Société Jean-Jacques Rousseau (Genebra), Institut et Musée Voltaire (Genebra)

Comissão de Eventos Artísticos: Dagoberto Feliz, Denise Weinberg, Helder Mariani

Equipe de Apoio: Alessandro Francisco (PUC-SP), Bárbara Rodrigues Barbosa (PUC-SP), Emanoel Santos (PUC-SP), Márcia Azevedo (PUC-SP), Márcia Regina Miguel Rodrigues (USP), Maria Cecília Pedreira de Almeida (USP), Mauro Dela Bandera Arco Júnior (USP), Taynam Santos Luz Bueno (USP), Thomaz Kawauche (USP)

Internet: http://www.pucsp.br/rousseau300anos
Projeto Gráfico: Alécio Rossi - Depto. arte PUC-SP
Projeto Web: DCI PUC-SP

Diagramação: Taynam Santos Luz Bueno
Revisão: Thomaz Kawauche

Organização: PUC-SP

Aos professores
Bento Prado Júnior (1937-2007) e
Luiz Roberto Salinas Fortes (1937-1987),
leitores de Rousseau.

APRESENTAÇÃO

Por ocasião do tricentenário do nascimento de Jean-Jacques Rousseau, em 2012, várias comemorações terão lugar em diversos países, sob os auspícios da Société Jean-Jacques Rousseau de Genebra, contando também com o apoio da Voltaire Foundation (Oxford) e do Institut et Musée Voltaire (Genebra), além de centros de pesquisa de numerosas universidades. No âmbito das atividades comemorativas, será lançada, pelas Edições Garnier, de Paris, uma edição do tricentenário das obras completas de Rousseau, da qual farão parte, como membros da equipe de editores, os professores brasileiros Luiz Fernando Franklin de Matos, da USP, Maria Constança Peres Pissarra, da PUC-SP, Maria das Graças de Souza, da USP, e Ricardo Monteagudo, da Unesp.

O convite para a realização do colóquio no Brasil como parte das comemorações mundiais do tricentenário foi feito pelo presidente da Société Jean-Jacques Rousseau, Alain Grosrichard, e pelo chefe das comemorações "2012 Rousseau pour tous" em Genebra, François Jacob. Tal fato representa um reconhecimento do nível das pesquisas acadêmicas sobre Rousseau no Brasil e, de certa forma, indica a consolidação de uma tradição de estudos marcada pelos professores Bento Prado Júnior e Luiz Roberto Salinas Fortes, que se dedicaram à obra do genebrino nas décadas de 1960 e 1970. Lembremos ainda que em várias instituições do Brasil há grupos de pesquisa interessados na reflexão acerca do pensamento de Rousseau. Além da USP, pode-se citar a Unicamp, a Unesp e a Unifesp no estado de São Paulo, e, nos demais estados, a Universidade Federal de Sergipe, a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Estadual de Londrina, entre outras. O Colóquio será uma ocasião de reunir os pesquisadores interessados e fomentar o debate acadêmico a respeito de questões suscitadas pela leitura e análise da obra rousseauniana.

A programação é representativa da distribuição geográfica dos pesquisadores de Rousseau no Brasil: há inscritos de todas as regiões do país, incluindo graduandos, pós-graduandos e pesquisadores doutores de instituições brasileiras. Participam ainda pesquisadores estrangeiros da Alemanha, além dos conferencistas convidados da França e da Suíça. As mesas foram distribuídas por afinidade de temas e por nível acadêmico dos autores. Serão

realizadas três sessões simultâneas nos períodos da manhã e da tarde, sendo o período da noite reservado às sessões plenárias com os conferencistas. O programa inclui ainda atividades culturais e artísticas: encenação da opereta de Rousseau "O adivinho da aldeia" e concerto de encerramento na Sala São Paulo, que contará com uma apresentação do coro da OSESP, com venda de ingressos a preços reduzidos aos participantes do colóquio. Durante o Colóquio, haverá uma leitura dramática com textos de Rousseau intitulada "Devaneios do Bárbaro Solitário".

Os departamentos de Filosofia da USP e da PUC de São Paulo associam-se às comemorações do tricentenário, visando não apenas fortalecer a cooperação com pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior, mas também incentivar o debate sobre as ideias do filósofo genebrino do ponto de vista da filosofia, das artes, da crítica da cultura e da política, além de oferecer ao grande público o contato com uma obra cujo conteúdo contribui para a reflexão sobre diversas questões contemporâneas.

TEMA

A afirmação "Eu sou outro", que Rousseau escreve no início de suas *Confissões*, será o eixo temático a partir do qual serão organizadas as conferências e comunicações e demais atividades do Colóquio. Ela remete, em primeiro lugar, aos chamados escritos autobiográficos, a saber, as *Confissões*, os *Devaneios do caminhante solitário* e os *Diálogos*. Neste horizonte, o tema refere-se principalmente à oposição singularidade/alteridade, e à vontade de sinceridade e transparência que se manifesta nestes textos.

Mas a passagem do "eu" ao "outro" permite também a reflexão sobre outros aspectos da obra de Rousseau. Se considerarmos, por exemplo, o *Discurso sobre a origem da desigualdade*, o homem civilizado é, de certa forma, o "outro" do homem natural, assim como, no *Contrato social*, esta passagem recobre aquela que se dá entre o homem, considerado "como um todo", e o cidadão, considerado como "uma fração do todo". Ainda no *Contrato*, a oposição entre "eu" e o "outro" corresponderia à relação entre representante e representado, e, portanto, à crítica de Rousseau à representação política.

Finalmente, o tema permitirá a abordagem dos textos literários, das peças para teatro, dos textos sobre a música e, sobretudo, da *Carta a d'Alembert*. O *Narciso*, por exemplo, põe em cena o personagem real e sua imagem, e a relação especular é que orienta, por assim dizer, a mensagem da peça. No caso da música, a oposição entre harmonia e melodia marca a posição de Rousseau em relação à capacidade expressiva da música. Enfim, na *Carta a d'Alembert*, a crítica ao teatro francês e o elogio das festas populares nos trazem de volta, de um lado, ao tema dos textos autobiográficos e à exigência de transparência nas relações entre os homens, e, de outro, nos permite retornar ao *Contrato* e aos mecanismos de fortalecimento da coesão social.

PROGRAMAÇÃO

17 DE SETEMBRO, SEGUNDA-FEIRA, 19H00, TUCARENA (PUC-SP)

Cerimônia de abertura

Encenação da opereta "O adivinho da aldeia" - Direção de Dagoberto Feliz

Lançamento de livros

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 08H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenadora: Ligia Pavan Baptista

Anderson Francisco dos Santos (Graduando, UFS) - O direito e as relações internacionais: tensões entre Grotius e Rousseau

Daniela Prandi & Jenifer Queila de Santana (Graduandas em Relações Internacionais, UFPB) - O governante como outro: a representação no Executivo

Shirlei Dantas Silva Alves (Graduanda, UFS) - Rousseau e os escritos do Abade de Saint-Pierre acerca da paz perpétua

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 08H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Literatura

Coordenadora: Mariana Teixeira Marques

Jose Meramoim Santos (Rede Pública) - Eu sou outro

Paulo Ferreira Junior (Graduando, Unicamp) - Eu sou o outro: a negação de si e os dilemas morais no romance *A nova Heloísa*

Valdir Vieira Rezende (Mestrando, USJT) - As *Confissões*, uma biografia da desigualdade: sobre as fontes da formação moral e teórica de Jean-Jacques Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 08H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Educação

Coordenadora: Terezinha Duarte Vieira

Cesar Guerra Scarpelli (Graduando, USP) - A influência da obra *Emílio ou Da educação*, de J.-J. Rousseau, na obra pedagógica de J. H. Pestalozzi

Elaine Fernandes Passos (Graduanda, USP) - A educação pública e o governo legítimo em Rousseau

Natália Ferrarini Giopato (Graduanda, USP) - A responsabilidade educacional do Estado para a realização do conceito de República em Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 10H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenador: Evaldo Becker

Bruno Rigonato Mundim (Mestrando, UFG) - Rousseau e os fundamentos de um Estado legítimo

Camila Barbosa Sabino (Mestranda, Unesp) - A concepção de lei no *Contrato social* de J.-J. Rousseau

Filipe Bravim Tito de Paula (Doutorando, UFMG) - A crítica política da razão cultivada no *Discurso sobre as ciências e as artes* de J.-J. Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 10H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Linguagem e teoria do conhecimento

Coordenadora: Ilana Viana do Amaral

Ericson Sávio Falabretti (Professor Doutor, PUC-PR) - A linguística de Rousseau: a estrutura aberta e a potência criadora da linguagem

Mauro Dela Bandera Arco Júnior (Mestrando, USP) - Os acentos da paixão

Taynam Santos Luz Bueno (Doutoranda, USP) - Política, linguagem e representação em Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 10H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Educação e gênero

Coordenadora: Maria de Fátima Simões Francisco

Fabiana Tamizari (Mestranda, USP) - Rousseau e a natureza feminina

Fabiele Aparecida Trujillo da Silva (Mestre, USP) - O "eu" e o "outro" na prática pedagógica

Flora Morena Maria Martini de Araújo (Mestranda, UFPR) - Para além de Sophie: a construção do modelo feminino nas obras *Les Conversations d'Emilie*, de Madame d'Épinay, e *Corinne*, de Madame de Staël

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 14H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política, moral e religião

Coordenador: Marcos Ribeiro Balieiro

Fabio de Barros Silva (Professor Doutor, UFSJ) & Tamíris Moreira Simão (Graduanda, UFSJ) - Jean-Jacques Rousseau e a vida feliz

Maria Cecília Pedreira de Almeida (Doutora, USP) - Notas sobre a consciência de si e o julgamento dos outros: Rousseau leitor de Bayle

Pedro Paulo da Costa Corôa (Professor Doutor, UFPA) - Filosofia e religião em Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 14H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Recepção na França (século XX)

Coordenador: Ricardo Monteagudo

Maria Luiza Berwanger da Silva (Professora Doutora, UFRGS) - Contribuição de Jean-Jacques Rousseau para o pensamento contemporâneo franco-brasileiro

Mariza Martins Furquim Werneck (Professora Doutora, PUC-SP) - *Je est un autre*: deslocamentos e reversibilidades do eu em Rousseau, a partir de Claude Lévi-Strauss

Pedro Paulo Pimenta (Professor Doutor, USP) - Rousseau nas origens da antropologia estrutural

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 14H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Diálogos com Voltaire e Tolstói

Coordenador: Jorge de Almeida

Dalva Aparecida Garcia (Professora Mestre, PUC-SP) - O otimismo caolho do iluminismo: Voltaire e Rousseau

Elena Vássina (Professora Doutora, USP) & Natalia Quintero (Doutoranda, USP) - J.-J. Rousseau na obra e na vida de Lev Tolstói: influências e diálogos

Israel Alexandria Costa (Professor Mestre, UFAL) - Alteridade e tolerância na obra rousseauniana

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 16H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenador: Fabio de Barros Silva

Helena Esser dos Reis (Professora Doutora, UFG) - Piedade: possibilidades e limites ao reconhecimento do outro como igual

Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd (Professor Doutor, UFC) - O outro é necessário à minha própria completude

Renato Moscateli (Pós-doutorando, UFG) - A distinção entre a liberdade moral e a liberdade política: uma discussão a partir das propostas educacionais de Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 16H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Educação

Coordenadora: Priscila Grigoletto Nacarato

Arlete Assumpção Monteiro (Professora Doutora, PUC-SP) - A importância de Jean-Jacques Rousseau para a formação do educador na atualidade

Maria de Fátima Simões Francisco (Professora Doutora, USP) - Emílio como um outro homem: aspectos da pedagogia de Rousseau

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 16H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Autobiografia

Coordenadora: Marlene de Souza Dozol

Carla Milani Damião (Professora Doutora, UFG) - Sinceridade e verdade nos escritos autobiográficos de Rousseau

Jeanne Marie Gagnebin (Professora Doutora, PUC-SP e Unicamp) - Renoncer à 'tout dire'

Luciano da Silva Façanha (Professor Doutor, UFMA) - Paradoxos do pensador Rousseau: escrever, uma paixão errante

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 19H00, TUCARENA (PUC-SP)

Conferência

Coordenador: Luiz Fernando Franklin de Matos

Jacques Berchtold (Université Paris IV - Sorbonne) - La bourgade suisse rustique, modèle d'un vivre ensemble ? (La Nouvelle Héloïse)

---

18 DE SETEMBRO, TERÇA-FEIRA, 20H00, TUCARENA (PUC-SP)

Leitura dramática: "Devaneios do Bárbaro Solitário"

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 08H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenadora: Luciana Coletti

Jhonny Nunes da Cunha (Graduando, Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG) - A origem da desigualdade entre os homens em Rousseau

Luis Carlos Goetz (Graduando, Unijuí) - Rousseau: natureza e sociedade no *Discurso sobre a desigualdade*

Priscila de Oliveira Silva (Graduanda, UFMA) - Rousseau e a transparência no *Discurso sobre as ciências e as artes*

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 08H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Diálogos com a filosofia contemporânea

Coordenadora: Maria Luiza Berwanger da Silva

Caio Augusto Teixeira Souto (Mestrando, UFSCar) - Rousseau, o sonho e a literatura: uma leitura foucaultiana de seus textos autobiográficos

Rodrigo Adriano Machado (Graduado, Universidade Comunitária Unochapecó/SC) - Cioran e Rousseau: eu me afogo no outro, o outro se afoga em mim...

Suzane da Silva Araújo (Mestranda, UFPA) - Rousseau e a formação do conceito de subjetividade

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 08H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Teatro

Coordenadora: Lucia Ricotta Vilela Pinto

Flávio Campos de Lima (Graduando, PUC-SP) - A função pedagógica do teatro

Joás de Jesus Ribeiro (Graduando, UFMA) - Rousseau: a representação teatral na *Carta a d'Alembert sobre os espetáculos*

Meryelen Aquino de Oliveira (Graduanda, UFMA) - Rousseau: o papel da educação na *Carta a d'Alembert* e no Prefácio de *Narciso*

Rafael de Sousa Pinheiro (Graduando, UFMA) - Festa pública e transparência na *Carta a d'Alembert*

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 10H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenador: Filipe Bravim Tito de Paula

Alexandre Matias Silva (Mestrando, USJT) - Perspectivas sobre a liberdade em Rousseau

André Queiroz de Lucena (Mestrando, Unifesp) - Rousseau e o Outro: Pufendorf, interlocutor político

Heitor Pagliaro (Mestrando, UFG) - O antijusnaturalismo de Rousseau

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 10H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Literatura

Coordenadora: Elizângela Inocêncio Mattos

Ana Amelia Barros Coelho (Mestranda, USP) - A dupla escritura de dois episódios das *Confissões*

Lucas Mello Carvalho Ribeiro (Mestre, UFMG) - Verdade e natureza nas *Confissões* de Rousseau

Natália Pedroni Carminatti (Mestranda, Unesp) - Memória: uma intersecção entre ser e escrever em *Les Rêveries du promeneur solitaire*, de Jean-Jacques Rousseau

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 10H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Educação

Coordenadora: Arlete Assumpção Monteiro

Alexandre José Krul (Mestrando, Unijuí) - Rousseau: educação e sociabilidade

Homero Santos Souza Filho (Mestrando, USP) - A formação do Emílio como o outro da educação

Márcia Azevedo (Graduanda, PUC-SP) - Rousseau e a questão da desnaturação

Maria do Socorro Gonçalves da Costa (Professora Mestre, UFMA) - Os fundamentos para a educação do Emílio no Livro I da obra homônima de Rousseau

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 14H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenador: Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd

Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (Professor Doutor, USP) - A oposição de Rousseau a Hobbes sobre a relação entre lei e liberdade

Genildo Ferreira da Silva (Professor Doutor, UFBA) - Razões para desconfiar das instituições ditas "democráticas"

Thomaz Kawauche (Pós-doutorando, USP) - O legislador como o outro do Estado

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 14H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Ética e sociabilidade

Coordenadora: Ana Luiza Reis Bedê

Doris Accioly e Silva (Professora Doutora, USP) - Jean-Jacques Rousseau, natureza, razão e sensibilidade

Marcos Ribeiro Balieiro (Professor Doutor, UFS) - A sociabilidade em Rousseau e Hume

Marisa Vento (Professora Mestre, Instituto Federal Goiano; Doutoranda, Unicamp) - Rousseau e a ética da autenticidade

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 14H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Educação

Coordenadora: Sônia Campaner Miguel Ferrari

Manoel Dionizio Neto (Professor Doutor, UFCG) - Do preceptor ao legislador: a interpretação da propositura da natureza

Priscila Grigoletto Nacarato (Professora Doutora, Universidade Santa Cecília/Santos) - Juízos a respeito de Rousseau e de sua obra: conhecimento ou distorção

Wilson Alves de Paiva (Professor Doutor, PUC-GO) - Emílio e Glauco: um e outro na alteridade da formação

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 16H00, SALA 1 (PUC-SP)

Tema: Política

Coordenador: Antônio Carlos dos Santos

Claudio Boeira Garcia (Professor Doutor, Unijuí) - Rousseau: direito político e utilidade pública

Douglas Ferreira Barros (Professor Doutor, PUC-Campinas) - Poder, religião e política: os cristãos seriam realmente "feitos para ser escravos"?

Milton Meira do Nascimento (Professor Doutor, USP) - Bipolaridade dos membros da comunidade política no *Contrato social*

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 16H00, SALA 2 (PUC-SP)

Tema: Estética

Coordenador: Pedro Paulo Pimenta

Antônio Vieira da Silva Filho (Professor Doutor, Unilab) - O gênio e a arte: crítica de arte e crítica da arte

Luís Fernandes dos Santos Nascimento (Professor Doutor, UFSCar) - Rousseau e o tema do luxo

Marlene de Souza Dozol (Professora Doutora, UFSC) - Rousseau e uma poética da superfície

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 16H00, SALA 3 (PUC-SP)

Tema: Imaginação e linguagem

Coordenador: Ericson Sávio Falabretti

Claudio Araujo Reis (Professor Doutor, UnB) - Rousseau e a imaginação espectatorial

Ilana Viana do Amaral (Professora Doutora, UFC) - Linguagem e crítica da representação: expressão, comunicação e alteridade

Jacira de Freitas (Professora Doutora, Unifesp) - A dicotomia interioridade e exterioridade na reelaboração do real nos *Diálogos* de Rousseau

---

19 DE SETEMBRO, QUARTA-FEIRA, 19H00, TUCARENA (PUC-SP)

Conferências

Coordenadora: Maria Constança Peres Pissarra

Bruno Bernardi (Institut d'Histoire de la Pensée Classique, CNRS) - Le droit politique, concept central de la pensée de Rousseau

Gabrielle Radica (Université de Picardie Jules Vernes) - « Qu'est devenue Julie ? »

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 08H00, SALA 1 (USP)

Tema: Política

Coordenadora: Marisa Vento

Geraldo Márcio da Silva (Graduado, UEM/PUC-GO/UFG-GO) - O conceito rousseauniano de liberdade na sociedade civil

Juvêncio Terra Marques (Graduando, UFSM) - Liberdade segundo Jean-Jacques Rousseau

Luiz Henrique Alves de Souza Monzani (Mestrando, UFSCar) - As críticas de Rousseau

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 08H00, SALA 2 (USP)

Tema: Moral e política

Coordenador: Renato Moscateli

Ananda Mila Kohn (Mestranda, UFSM) - Moralidade pós-contrato: da necessidade de instituição de leis no estabelecimento do binômio política/moral - a exigência rousseauniana

Junio Cezar da Rocha Souza (Mestre, UFG) - Convenção e degeneração: o outro como mal

Thiago Vargas Escobar Azevedo (Mestrando, USP) - Rousseau e o trabalho: da luta contra os obstáculos às relações sociais

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 08H00, SALA 3 (USP)

Tema: Literatura e filosofia

Coordenadora: Elena Vássina

Daniel Lago Monteiro (Doutorando, USP) - Rousseau, Burke e as ambiguidades do perfil do homem moderno, segundo William Hazlitt

Ellen Elsie Nascimento (Mestranda, USP) - "Romance Necessário": estética e intenção do romance epistolar pelo olhar de Rousseau

Mariana Teixeira Marques (Doutora, USP) - Ser Margot, ou ser o que o outro deseja

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 10H00, SALA 1 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Genildo Ferreira da Silva

Alexandrina Paiva da Rocha (Mestranda, Programa Erasmus Mundus Cultura Literária Européia - CLE) - Rousseau é um das origens da Revolução Francesa?

Ana Rita Santos Tabosa (Mestranda, UFBA) - Rousseau e a subversão da história

Michele Amorim Becker (Doutoranda, UFS) - Considerações em torno da opinião pública em Rousseau e Habermas

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 10H00, SALA 2 (USP)

Tema: Política

Coodenador: Thomaz Kawauche

Luciana Coletti (Doutoranda, Unisinos) - Interesse e conflito na república democrática de Rousseau

Maicon Rodrigo Rossetto (Doutorando, Unisinos) - Da liberdade natural à liberdade civil em Jean-Jacques Rousseau

Maíra de Cinque Pereira da Costa (Mestre, USP) - Essência e aparência do indivíduo ao corpo político

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 10H00, SALA 3 (USP)

Tema: Música, filosofia e teatro

Coordenador: Jacira de Freitas

Carla Bromberg (Pós-doutoranda, PUC-SP) - A classificação da música na obra de Jean-Jacques Rousseau

Fabio Stieltjes Yasoshima (Doutorando, USP) - A querela Rousseau-Rameau

Helderson Mariani Pires (Mestre, PUC-SP) - O ator de Rousseau

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 14H00, SALA 1 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Milton Meira do Nascimento

Evaldo Becker (Professor Doutor, UFS) - Razão de Estado e guerras de defesa e de conquista: Rousseau leitor de Maquiavel

Karlfriedrich Herb (Professor Doutor, Universität Regensburg/Alemanha) - Autônomo ou autêntico? Rousseau e as aporias da cidadania moderna

Ricardo Monteagudo (Professor Doutor, Unesp) - O outro da vontade geral: sobre o direito dos povos em Rousseau

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 14H00, SALA 2 (USP)

Tema: Teatro e moral

Coordenador: José Assunção Fernandes Leite

Ana Portich (Professora Doutora, Unesp) - Representação política e representação teatral: as *Cartas escritas da montanha* em correlação com a *Carta a d'Alembert*

Lucia Ricotta Vilela Pinto (Professora Doutora, UESB; Pós-doutoranda, Unicamp) - Natureza e artifício na imitação teatral

Vladimir de Oliva Mota (Professor Doutor, Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - Fanese) - Voltaire e Rousseau: o teatro e os costumes

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 14H00, SALA 3 (USP)

Tema: Voltaire, Montesquieu e o outro das paixões

Coordenador: Luís Fernandes dos Santos Nascimento

Ana Luiza Reis Bedê (Professora Doutora, Universidade Federal de Viçosa) -

O grito pela justiça: Voltaire e o affaire La Barre

Antônio Carlos dos Santos (Professor Doutor, UFS/CNPq) - O eu e o outro: Montesquieu e Rousseau

Leonardo Canuto de Barros (Mestrando, USP) - A paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 16H00, SALA 1 (USP)

Tema: Literatura e política

Coordenadora: Mariza Martins Furquim Werneck

André Luiz Barros da Silva (Professor Doutor, Unifesp) - Rousseau romancista e Sade contista: as relações entre amor, desejo e verdade na antecâmara da modernidade

Judite Eugênia Barbosa Costa (Mestranda, UFMA) - O contrato social em Hobbes e Rousseau

Ronnielle de Azevedo Lopes (Mestrando, PUC-SP) - Das *Confissões* aos *Devaneios* - entre parecer e ser: do desvelamento ao recolhimento

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 16H00, SALA 2 (USP)

Tema: Recepção na Alemanha

Coordenadora: Carla Milani Damião

Kathrin Morgenstern (Doutoranda, Universität Regensburg/Alemanha) - Discovering Intimacy: The Public and the Private in the Works of Jean-Jacques Rousseau

Magdalena Scherl (Doutoranda, Universität Regensburg/Alemanha) - The Order of Passion: Society and Desire in the Works of Jean-Jacques Rousseau

Sônia Campaner Miguel Ferrari (Professora Doutora, PUC-SP) - Educação e natureza: Rousseau e Benjamin

---

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 16H00, SALA 3 (USP)

Tema: Recepção na Alemanha

Coordenador: Sílvio Rosa Filho

Jorge de Almeida (Professor Doutor, USP) - Rousseau na poesia de Schiller e Hölderlin

Tobias Maier (Doutorando, Universität Regensburg/Alemanha) - Which freedom? Towards an ascertainment of the *volonté générale* out of the conventions' spirit

Mareike Gebhardt (Doutorando, Universität Regensburg/Alemanha) - On Civic Angels and Democratic Gods: The Ideal State as Political Utopia in Immanuel Kant and Jean-Jacques Rousseau

20 DE SETEMBRO, QUINTA-FEIRA, 19H00, USP

Conferência

Coordenadora: Maria das Graças de Souza

Ghislain Waterlot (Université de Genève) - La religion de Rousseau : un nouveau christianisme ?

Alain Grosrichard (Presidente da Société Jean-Jacques Rousseau, Genève) - « Je suis le botaniste qui décrit la plante... »

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 08H00, SALA 1 (USP)

Tema: Literatura

Coordenadora: Ana Portich

Daniela Silva Pires (Mestranda, UESB) - A flora e a memória em *Devaneios do caminhante solitário*

Elizângela Inocêncio Mattos (Professora Mestre, Universidade Federal do Tocantins; Doutoranda, UFSCar) - De um retorno a si mesmo: Rousseau e os *Devaneios*

Evaniele Antonia de Oliveira Santos (Mestranda, UECE) - A festa civil como a possibilidade do encontro com o "outro"

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 08H00, SALA 2 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Wilson Alves de Paiva

Higor Fabrício de Oliveira (Mestrando, Unifesp) - A nascimento da "duplicidade" de caráter e o percurso da corrupção no *Segundo Discurso*

Ravena Olinda Teixeira (Mestranda, UFS) - Homem e natureza em Rousseau

Vital Francisco C. Alves (Mestre, UFG) - Notas sobre a desigualdade social na teoria política de Rousseau

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 08H00, SALA 3 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Thomaz Kawauche

Aldones Nino Santos da Silva (Graduando, USJT) - Luzes e natureza, uma comparação: o homem segundo Rousseau e Sade

Caius Brandão (Graduado, UFG) - As distintas ideias de justiça no pensamento de Rousseau

Wagner Cipriano Araújo (Doutorando, Unicamp) - Eu, Tu e o Outro: a harmonia e os conflitos entre política e religião no pensamento de Rousseau

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 10H00, SALA 1 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Pedro Paulo da Costa Corôa

Cristiano de Almeida Correia (Mestrando, UFS) - Rousseau e o conceito de guerra legítima

Enéias da Rosa (Mestrando, UFG) - Sobre a possibilidade de universalização dos direitos humanos em Rousseau

Terezinha Duarte Vieira (Doutoranda, Unicamp) - O conhecimento útil e as noções de utilidade no pensamento de Rousseau

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 10H00, SALA 2 (USP)

Tema: Política

Coordenadora: Doris Accioly e Silva

Elaine Camunha (Professora Mestre, Centro Universitário São Camilo) - O "eu" e o "outro": o homem natural do *Discurso sobre a desigualdade* e o cidadão do *Contrato*

Emanoel Santos (Graduando, PUC-SP) - Como as ciências e as artes corrompem a virtude e a moral do homem no pensamento de Jean-Jacques Rousseau

Mirela Moraes (Mestranda, UFPel) - Rousseau, crítico da modernidade

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 10H00, SALA 3 (USP)

Tema: Política

Coordenador: Antônio Vieira da Silva Filho

Alexsandro Melo Medeiros (Professor Mestre, UFAM) - Democracia participativa à luz do *Contrato social*

Eduardo Leonel Corrêa Cardoso (Mestrando, USP) - O outro no realismo político de Jean-Jacques Rousseau

Fabio Antônio da Silva (Mestrando, UFPR) - "Eu" e o "outro" no Estado republicano de Jean-Jacques Rousseau

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 14H00, SALA 1 (USP)

Tema: Política contemporânea

Coordenador: Claudio Araujo Reis

Claudinei Luiz Chitolina (Professor Doutor, PUC-PR-Maringá e Unespar-Paranavaí) - Soberania política e sociedade civil em Rousseau

Eduardo Cardoso Braga (Professor Doutor, Centro Universitário Senac - Campus Santo Amaro/SP) - Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea

Gilson Schwartz (Professor Doutor, USP) - *Rousseaunomics*: Contrato social, colapso do Euro e iconomia do bom selvagem

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 14H00, SALA 2 (USP)

Tema: Diálogos com Platão e Hobbes

Coordenador: Manoel Dionizio Neto

Antônio Cesar Ferreira da Silva (Professor Mestre, UEFS) - Indivíduo, autonomia e república em Rousseau

José Assunção Fernandes Leite (Professor Doutor, UFMA) - O teatro como modelo excessivo: Platão e Rousseau

Ligia Pavan Baptista (Professora Doutora, UnB) - Fundamentos do pensamento político moderno: liberdade e igualdade

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 14H00, SALA 3 (USP)

Tema: Filosofia e literatura

Coordenador: Luciano da Silva Façanha

Gabriel Guedes Rossatti (Doutor, UFSC) - 'Leur philosophie est pour les autres; il m'en faudroit une pour moi': Rousseau, Kierkegaard e o desenvolvimento da filosofia da existência

Maria Valderez de Colletes Negreiros (Professora Doutora, Unesp) - O gabinete botânico de Jean-Jacques Rousseau: a natureza do outro

Sílvio Rosa Filho (Professor Doutor, Unifesp) - Suspensão do desequilíbrio: uma forma de reversão na *Cinquième promenade* de Rousseau

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 19H00, SALA SÃO PAULO

Conferência

François Jacob (Diretor do Institut et Musée Voltaire, Genève) XVIII^{e} siècle: musique ou opéra ?

---

21 DE SETEMBRO, SEXTA-FEIRA, 21H00, SALA SÃO PAULO

Apresentação musical

Concerto do Coro e da Orquesta de Câmara da OSESP, regidos por Naomi Munakata, com programa dedicado à música francesa do século XVIII.

RESUMOS

Jean-Jacques Rousseau
Eu sou out
Jean-Jacques Rousseau
Jean-Jacques Rousseau
Jean-Jacques Rousseau
Jean-Jacques

RESUMOS

ALAIN GROSRICHARD
a.grosrichard@orange.fr
Professor Doutor e Presidente da Société Jean-Jacques Rousseau, Genebra

« Je suis le botaniste qui décrit la plante... »

L'intérêt passionné que Rousseau se découvre soudain pour la botanique est à peu près contemporain du début de la rédaction de ses *Confessions*, qu'on peut dater de la fin de l'année 1764. En fait, comme en témoigne une série de fragments, vraisemblablement rédigés entre 1757 et 1762, il se proposait déjà depuis plusieurs années d'écrire un portrait de lui-même. Une fois l'*Emile* terminé, ce serait en effet « un nouveau genre de service à rendre aux hommes », notait-il, que de « leur offrir l'image fidèle de l'un d'entre eux afin qu'ils apprennent à se connaître ». Nulle complaisance narcissique dans cette entreprise, qui se voulait authentiquement philosophique, et qu'il entendait mener à bien en se donnant pour modèle la manière dont un naturaliste procède pour parler de son objet. « Je suis observateur et non moraliste. » En me peignant, « je suis le botaniste qui décrit la plante. C'est au médecin qu'il appartient d'en régler l'usage ». Sans doute n'est-ce là qu'une métaphore. Mais elle invite à s'interroger sur ce qui se noue, chez le proscrit de Môtiers, entre le désir qui le porte à l'étude des plantes, et celui qui l'attache l'étude de lui-même, conçue comme prolongement, voire comme achèvement de cette étude de l'Homme engagée dans le second *Discours* et poursuivie dans l'*Emile*.

ALBERTO RIBEIRO GONÇALVES DE BARROS
abarros@usp.br
Professor Doutor, USP

A oposição de Rousseau a Hobbes sobre a relação entre lei e liberdade

A intenção da comunicação é contrapor a concepção de Rousseau de que a liberdade dos cidadãos provém da submissão às leis civis, que expressam a vontade geral do corpo político, à concepção de Hobbes de que a liberdade dos súditos reside no silêncio das leis civis, que expressam a vontade do soberano. Pretende-se com isso

ressaltar as diferenças entre essas duas maneiras de pensar a relação entre liberdade e lei no âmbito civil. O propósito é também mostrar como essas duas concepções estão no fundamento de duas maneiras distintas de pensar a liberdade na contemporaneidade: a concepção liberal e a concepção republicana.

ALDONES NINO SANTOS DA SILVA
aldones.santos@terra.com.br
Graduando, USJT

Luzes e natureza, uma comparação: o homem segundo Rousseau e Sade

Embora franceses do mesmo século e pensadores da mesma atmosfera intelectual, o Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Marquês de Sade (1740-1814) desenvolveram filosofias distintas, sobretudo no que concerne ao tema da natureza humana e dos seus desdobramentos na moral. O objetivo desta comunicação é expor as principais diferenças da concepção de natureza humana de cada um deles, apresentando-os como antípodas complementares e encontrando a natureza humana nessa dialética.

ALEXANDRE JOSÉ KRUL
ajkrul@yahoo.com.br
Mestrando, Unijuí

Rousseau: educação e sociabilidade

Este texto faz parte dos estudos que realizo no Mestrado sobre a educação na obra *Emílio ou Da educação*, de Jean-Jacques Rousseau. Enfatizarei algumas ideias apresentadas pelo autor que apontam para a educação do homem como uma possibilidade de tentar resolver o problema de sua educação natural e civil, ou seja, da formação do desenvolvimento das forças físicas e das faculdades tendo em vista o suprimento de suas próprias necessidades, bem como seu desenvolvimento moral para viver na sociedade. Examino o desafio a que Rousseau se propõe, percebendo que ele tenta resolver a tensão entre o homem que desenvolve uma vontade particular, e conforme o curso educativo terá que lidar com a necessidade de decidir de acordo com a vontade geral.

ALEXANDRE MATIAS SILVA
professormatias@bol.com.br
Mestrando, USJT

Perspectivas sobre a liberdade em Rousseau

Nossa proposta é discutir a concepção de liberdade política em Rousseau a partir de três perspectivas: a marxista, em especial pela análise do pensamento de Carlos Nelson Coutinho; a liberal, de Benjamin Constant e Isaiah Berlin; e por fim, a anarquista, de Patrizia Piozzi. Pretendemos apresentar a riqueza e a diversidade que o pensamento rousseauísta possui quando se trata da sua proposta de liberdade, trabalhando a mesma a partir dessas três importantes correntes políticas.

ALEXANDRINA PAIVA DA ROCHA
alexandrina_paiva@yahoo.com.br
Mestranda, Programa Erasmus Mundus Cultura Literária Europeia - CLE

Rousseau é um das origens da Revolução Francesa?

Dois séculos depois da Revolução Francesa, após a Segunda Guerra Mundial, a filósofa alemã naturalizada americana, Hannah Arendt, defende a ideia do totalitarismo como uma novidade que rompeu com os princípios dos direitos do homem de primeira geração: igualdade, fraternidade e liberdade, ecoadas através do mundo após a Revolução Francesa, inspirando outras revoluções. Para compreender os problemas de sua época, Arendt retorna às origens desses direitos, às duas revoluções modernas, francesa e americana, que os influenciaram, fazendo uma comparação entre elas. A Revolução Francesa foi considerada um exemplo de como nobres ideais podem ser deturpados para conduzir a um estado de violência, e Arendt dirige, em parte, essa culpa as ideias rousseaunianas. A questão que me orienta é a seguinte: serão legítimas as críticas de Arendt ao fracasso da Revolução Francesa baseada na ideia de que tal revolução teve por sustentação as ideias contratualistas de Rousseau, e mais precisamente, as ideias de Rousseau são um das origens da Revolução Francesa?

ALEXSANDRO MELO MEDEIROS
philos_aletheia@hotmail.com
Professor Mestre, UFAM

Democracia participativa à luz do Contrato social

Com esta apresentação pretendemos analisar a ideia de democracia participativa, que pode ser definida como uma forma de governo em que a sociedade deve tomar para si os espaços de poder, criando mecanismos de participação efetiva da sociedade nestes espaços, à luz do contrato social rousseauniano. Acreditamos que essa democracia participativa está mais próxima dos ideais democráticos do filósofo genebrino do que o nosso atual modelo representativo. O modelo atual de democracia no Brasil não garante mais que uma democracia de baixa intensidade baseada na distância crescente entre representantes e representados, como afirma Boaventura de Sousa Santos. Sabemos que Rousseau se opõe à representação política, sobretudo no que diz respeito à soberania e ao poder legislativo (a afirmação "eu sou outro" que dá tema ao evento bem pode ser entendida como a relação entre representante e representado, a oposição entre o "eu" e o "outro" no *Contrato*). A soberania não é delegável e deve ser exercida pelo povo sem representantes: o soberano só pode ser representado por si mesmo. O povo tem em suas mãos o poder para fazer e aprovar leis. Eis em linhas gerais os aspectos da democracia rousseauniana que pretendemos relacionar com o atual conceito de democracia participativa: 1) o poder político deve estar integralmente nas mãos do povo soberano; e 2) ao soberano (povo) cabe, diretamente, a aprovação das leis.

ANA AMELIA BARROS COELHO
anameliacoelho@gmail.com
Mestranda, USP

A dupla escritura de dois episódios das Confissões

Partindo das leituras críticas de Lejeune e Starobinski, nesta comunicação pretendo discutir os possíveis lugares do autobiógrafo e do leitor, em dois episódios das *Confissões*: "as palmadas" e o "pente quebrado". Ambos os críticos realçam a importância do engajamento mútuo na autobiografia, seja sob o mecanismo de um "pacto autobiográfico", seja sob os termos de uma "relação crítica". Por um lado, funciona a identidade entre autor, narrador e personagem,

que define um texto autobiográfico, segundo Lejeune. Ademais, o *eu* transmite sua experiência pessoal a um *tu*, como coloca Starobinski. Por outro lado, a leitura cerrada das confidências revelam um *eu* dividido e um destinatário ausente, frente os quais o leitor se encontra deslocado.

ANA LUIZA REIS BEDÊ
lulibede@uol.com.br
Professora Doutora, Universidade Federal de Viçosa

O grito pela justiça: Voltaire e o affaire La Barre

Por meio de uma análise crítica tanto da correspondência ativa de Voltaire como de seus panfletos, pretendo investigar como o autor interveio no *affaire* La Barre. Trata-se de compreender, assim, o alcance de suas reflexões sobre temas que ganhavam relevo a partir de 1760, tais como: o segredo dos processos, o papel dos advogados, a proporcionalidade entre delitos e penas, a tortura e a pena de morte. Interessa estudar, em especial, a importância da laicização do sistema jurídico na batalha do autor contra a intolerância. Essa investigação liga-se, intrinsecamente, não apenas ao estudo da presença de Cesare Beccaria na obra do filósofo francês, como também dos ecos das ideias voltairianas nas posições defendidas pelo criminalista italiano em seu *Dos delitos e das penas*.

ANA PORTICH
aportich@marilia.unesp.br
Professora Doutora, Unesp

Representação política e representação teatral: as Cartas escritas da montanha em correlação com a Carta a d'Alembert

Sendo a *Carta a d'Alembert* o primeiro importante discurso de Rousseau sobre sua cidade natal, precedendo nesse sentido as *Cartas escritas da montanha*, o escopo será acompanhar em ambos os textos o tratamento da questão da representatividade política, bem como seu correlato teatral. O primeiro nos informa até que ponto vai a crítica de Rousseau à representação: se a própria instituição do contrato social implica certa alienação, e mesmo na democracia direta se estabelecem e se cumprem papéis, o orador é apresentado como exemplo de "boa" alienação, enquanto o ator, como seu

antípoda. Isso porque o orador, tanto quanto os participantes das festas cívicas genebrinas, são atores mas também espectadores, não de si mesmos, mas de seus concidadãos, revezando-se nos papéis de destaque e nas arquibancadas, ao passo que o ator de teatro, do ponto de vista da coletividade, é sempre o centro das atenções e nunca se presta a considerar os demais.

ANA RITA SANTOS TABOSA
anatabosa@ymail.com
Mestranda, UFBA

Rousseau e a subversão da história

Em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Rousseau subverte a ordem interpretativa da evolução histórica dos homens ao discordar das teorias que afirmavam que, no estado de natureza, os homens viviam em um estado de guerra de todos contra todos. Rousseau inverte essa análise afirmando que foi na passagem do estado de natureza para o estado civil que a competitividade e os sentimentos negativos como a inveja, a vaidade e a cobiça começaram a se manifestar entre os homens: "Cada um começa a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez, e a estima pública tem um preço. Aquele que canta ou dança melhor, o mais belo, o mais forte, o mais destro, ou o mais eloquente, torna-se o mais considerado. E foi esse o primeiro passo para a desigualdade e o vício, ao mesmo tempo: dessas preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo e, de outro, a vergonha e a inveja; e a fermentação causada por esses novos fermentos produziu, enfim, compostos funestos à felicidade e à inocência". Dessa forma, a história moderna estaria vinculada a uma falsa ideia de evolução e progresso entre os homens. Partindo da interpretação da história adotada por Rousseau, principalmente no *Segundo Discurso*, percebe-se que o autor possuía uma visão pessimista acerca da história. Contudo, apesar de pessimista, a análise de Rousseau em relação à história não possuía um caráter fatalista. Rousseau apontou quais os malefícios que a vida em sociedade teria produzido nos homens, porém não idealizava um retorno ao estado de natureza. A solução para a construção de uma nova história estaria vinculada a uma transformação das instituições aliada à valorização dos sentimentos naturais dos homens.

ANANDA MILA KOHN
anandakohn@hotmail.com
Mestranda, UFSM

Moralidade pós-contrato: da necessidade de instituição de leis no estabelecimento do binômio política/moral - a exigência rousseauniana

Os conceitos natureza e estado de natureza exercem função nas ideias políticas de Rousseau. Contudo, há características referentes à natureza humana que só podem ter voz no estado civil. Embora o estado de sociedade tenha consistido historicamente na corrupção humana, este estado é, essencialmente, o terreno da efetivação do homem. Não há uma obrigação moral anterior (histórica ou idealmente) que leve os homens a se encontrarem em estado de sociedade. Portanto, as relações sociais/políticas/jurídicas, conforme o *Contrato*, não decorrem de preceitos éticos que as antecedam - é no seio dessas relações, mediadas pelas leis constituídas, que se dá a moralidade.

ANDERSON FRANCISCO DOS SANTOS
anderson9003@hotmail.com
Graduando, UFS

O direito e as relações internacionais: tensões entre Grotius e Rousseau

O objetivo do presente trabalho é expor a questão acerca do direito da guerra, especificamente nos textos *O direito da guerra e da paz* (1625), do jurisconsulto holandês Hugo Grotius (1583-1645), e *Do contrato social* (1762) e *Princípios do direito da guerra*, do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). No primeiro momento, mostraremos a divisão que Grotius faz da guerra, classificando-a basicamente em guerra pública e guerra privada. Por sua vez, a guerra pública subdivide-se em solene e não-solene. No segundo momento, mostraremos como Rousseau se coloca diante das definições apresentadas por Grotius concernentes ao direito da guerra. Para Rousseau, só podemos considerar guerra aquela deflagrada entre seres morais, ou seja, entre Estados já constituídos. Neste sentido, o presente trabalho traz à luz as discussões relacionadas às relações internacionais entre os Estados-nação tão em voga na modernidade, e que, ainda hoje, se mostra um debate inacabado, na medida em que, as organizações supranacionais tais como a Organização das Nações

Unidas ou a União Europeia mostram-se ineficazes no cumprimento de suas "leis" e, consequentemente, na aplicabilidade das punições. Nesse sentido, o direito público internacional ainda está em vias de construção e merece nossa atenção.

ANDRÉ LUIZ BARROS DA SILVA
alb2.barros@gmail.com
Professor Doutor, Unifesp

Rousseau romancista e Sade contista: as relações entre amor, desejo e verdade na antecâmara da modernidade

Propomo-nos a investigar a posição de J.-J. Rousseau diante da tensão natureza-sociedade, bem como diante das ideias de autarquia, necessidade/desejo e verdade subjetiva, em especial a partir do romance *La Nouvelle Héloïse* (1761). Do exame do prefácio alongado, com sua ambiguidade ficcional, à quinta parte, onde há o elogio da autarquia rural, estabeleceremos pontos básicos de uma semântica da *sensibilité*, a contrastar com a do desejo, próxima a um escritor como Sade. A comparação com contos de *Les Crimes de l'amour*, de Sade, aponta para possíveis consequências do embate entre as duas visões do amor na constituição da subjetividade moderna, em formação no século XVIII. Referências a Casanova ajudarão a esclarecer desdobramentos insuspeitos desse embate.

ANDRÉ QUEIROZ DE LUCENA
aqlucena@hotmail.com
Mestrando, Unifesp

Rousseau e o Outro: Pufendorf, interlocutor político

A formação do pensamento rousseauísta inclui a compreensão de autores que indagaram sobre os fundamentos do poder. Desta leitura surge uma reflexão que exige revisitar seus interlocutores. Trataremos acerca da formação do corpo político em Pufendorf, resultado das exigências da reta razão, ao qual proporciona a sociabilidade e a ordem. Neste sentido, o pacto de sujeição e a observância dos deveres tem como base a dignidade humana (racional). Em Rousseau, esta interlocução atende o pressuposto da liberdade: se o homem nasce livre, cabe indagar sobre os termos e as origens da soberania. Opor liberdade e sujeição implica pensar sobre a legitimidade política e sua representação: daí a crítica original

àqueles que, tal como Pufendorf, tratando dos fundamentos do tema "falando do homem natural descreviam o civil" (*Discurso sobre a origem da desigualdade*), preocupados apenas em "falarem a este último dos seus deveres" (*Carta a Christophe de Beaumont*).

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS
acsantos12@uol.com.br
Professor Doutor, UFS/CNPq

O eu e o outro: Montesquieu e Rousseau

Nas *Cartas persas*, o outro é uma estratégia romanesca personificada em um estrangeiro que procura a sabedoria e que, à medida que viaja, se explora interiormente. Já nas *Confissões*, a discussão em torno da alteridade passa pelo confronto entre o conhecimento de si e os limites do conhecimento do outro, uma vez que neste espaço há sempre o jogo da representação. Assim, o objetivo desta comunicação é estabelecer o diálogo entre esses dois pensadores do século XVIII, tentando extrair deles a resposta para a seguinte questão: como entender o outro desprovido de projeção ou representação?

ANTÔNIO CESAR FERREIRA DA SILVA
acesarfsilva@yahoo.com.br
Professor Mestre, UEFS

Indivíduo, autonomia e república em Rousseau

Este trabalho procura discutir a questão do indivíduo autônomo em Rousseau e sua importância para sua noção de república. Aqui, não se trata de uma perspectiva do indivíduo apenas como instância opositora à coletividade, mas como uma dimensão importante de sua própria concepção de república. Assim, sair-se-ia das interpretações que o colocam ou no campo de um coletivismo que se contrapõe ao indivíduo, ou de uma esfera de individualismo abstrato que nega a coletividade. Em que medida se pode defender este ponto de vista? De que modo se pode conceber Rousseau para além de um posicionamento exclusivo pela defesa ou não da individualidade? Esta questão expõe a tensão entre indivíduo e coletivo na filosofia política moderna e contemporânea, e que desdobrou-se muitas vezes na supressão das individualidades, ou no esvaziamento da importância da esfera pública. No que diz respeito a Rousseau, existe uma tendência predominante

que aponta que em sua obra *Contrato social* há um amordaçamento dos indivíduos. É um problema que Rousseau enfrentou e que no mundo contemporâneo se faz presente. A supressão dos direitos dos indivíduos foi marca dos regimes totalitários, que no século XX sacrificaram milhões de seres humanos. Inclusive, Rousseau é visto, por alguns de seus intérpretes, como um pensador que inspirou a ideologia totalitarista, na medida que sua república teria um fim em si mesma. Para isto, se verificará a noção de indivíduo em Rousseau a partir do princípio do amor-de-si, o qual constitui a unidade primeira do indivíduo, e que quando ativo garante a realização do próprio indivíduo em qualquer contexto em que ele esteja inserido.

ANTÔNIO VIEIRA DA SILVA FILHO
antoniovieira@usp.br
Professor Doutor, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Redenção/CE)

O gênio e a arte: crítica de arte e crítica da arte

A presente comunicação pretende realizar, com base no *Discurso sobre as ciências e as artes*, uma discussão sobre a noção de gênio que se constituirá a partir de dois pontos de vista distintos, mas relacionados entre si. Em primeiro lugar situaremos a importância da reflexão de Rousseau sobre o gênio para a discussão estética posterior, em particular a sua influência na formulação do gênio pelo primeiro romantismo alemão. Em seguida, procuremos refletir sobre essa leitura para confrontá-la com o texto do *Primeiro Discurso*, no qual a reflexão sobre o gênio é inseparável da crítica das artes, e com a *Carta a d'Alembert*, para discutir a propriedade da recepção estetizante de Rousseau pelo primeiro romantismo.

ARLETE ASSUMPÇÃO MONTEIRO
arlete@pucsp.br
Professora Doutora, PUC-SP

A importância de Jean-Jacques Rousseau para a formação do educador na atualidade

A presente comunicação refere-se à experiência docente na formação dos educadores que atuam como professores no ensino fundamental e médio, em escolas públicas e ou privadas em São Paulo. Considerando que a base teórica para elaboração de reflexões

sobre a prática vivenciada como docente é de suma importância para a construção de projetos educacionais, o conhecimento de Comenius, Decroly, Montessori e Jean-Jacques Rousseau, além de outros filósofos e pensadores atuais, não pode faltar na formação acadêmica dos educadores para subsidiar planos de ensino e projetos educacionais. Outro aspecto a se destacar refere-se ao desenvolvimento das aulas, pois para a transmissão do conhecimento e uma prática docente crítica e participativa, o educador precisa possuir uma formação consistente para poder ofertar uma educação de qualidade para as crianças e jovens que frequentam as escolas brasileiras. Reflexões sobre a educação do personagem Emílio e o ambiente em que tal educação se processa, possibilitam a estruturação de novas propostas de ensino para o futuro educador crítico e reflexivo. A pesquisa tem sido desenvolvida junto aos professores-alunos do curso de Pedagogia, matriculados no Projeto da Plataforma Paulo Freire da PUC-SP.

BRUNO BERNARDI
bruno-bernardi@wanadoo.fr
Professor Doutor e Coordenador do Groupe J.-J. Rousseau, Institut d'Histoire de la Pensée Classique, CNRS

Le droit politique, concept central de la pensée de Rousseau

Rousseau a donné pour sous titre au *Contrat social*: principes du droit politique. Il use de la même expression dans *Émile* pour caractériser le projet plus vaste de ses *Institutions politiques*. Cette intervention se propose d'établir que le concept de droit politique commande la compréhension de la genèse, de la structure et de l'orientation de la pensée politique de Rousseau. 1) Lorsque l'on suit la formation de la pensée de Rousseau, on constate qu'il donne une place toujours plus grande à ce concept (en particulier entre les deux versions connues du *Contrat social* (le *Manuscrit de Genève* et la version publiée en 1762) parce qu'il lui permet de régler ses rapports avec les jusnaturalismes. Le droit politique se distingue fondamentalement du droit naturel ; 2) Rousseau donne une place centrale au concept de droit politique parce qu'il est porteur d'une normativité politique qui lui permet d'échapper à la fois au décisionisme dont est porteur le principe de souveraineté (chez Bodin et Hobbes, pus tard accusé chez Schmitt) et à la présupposition de normes pré-politiques qui commande toute la pensée de l'école du droit naturel ; 3) Rousseau forme ainsi un fondement non jusnaturaliste de ce que nous avons

reçu sous le noms de droits de l'homme. Cette voie (que l'on peut contre distinguer de celles suivies notamment par Rawls et Habermas) pourrait être d'une pertinence contemporaine décisive.

BRUNO RIGONATO MUNDIM
taxinomia@gmail.com
Mestrando, UFG

Rousseau e os fundamentos de um Estado legítimo

A partir da obra *O contrato social*, trataremos dos elementos fundamentais envolvidos na construção de um Estado legítimo, entendendo por isso uma associação civil em que soberano e súdito não se distinguem por uma disposição de privilégios, mas por uma forma política que possibilita ao povo eleger para si as próprias leis. Argumentaremos que o pacto fundador, o qual hipoteticamente retira o homem do estado natureza, é a condição de possibilidade para qualquer convenção firmada entre os homens, além de que a cláusula única que o rege, a alienação total, garante a formação de uma associação sem desigualdade entre seus membros e a construção de um poder soberano absoluto, necessário para preservar e manter um corpo político. Em seguida, demonstraremos que esse poder absoluto, por se exercer por meio da vontade geral, não pode ser tirânico. Além disso, evidenciaremos que a vontade geral se constrói por meio da participação efetiva de todos os cidadãos, e que por essa razão ela não se sobrepõe ao corpo político como uma entidade abstrata que deva ser acatada à revelia dos interesses de cada um. Por fim, trataremos da liberdade, caracterizando-a em vista do processo de transmutação social do homem; será analisado o que significa obedecer a si mesmo num estado civil e como a consciência eleva ao âmbito da obrigação os deveres de cidadão exigidos pelo Soberano.

CAIO AUGUSTO TEIXEIRA SOUTO
caiosouto@gmail.com
Mestrando, UFSCar

Rousseau, o sonho e a literatura: uma leitura foucaultiana de seus textos autobiográficos

Ao discorrer sobre as três obras autobiográficas de Rousseau, Foucault encontra em cada uma dessas três obras uma experiência literária diversa, que parte da primeira pessoa das *Confissões* (que

confunde o autor do texto com a própria pessoa da qual o texto fala), passa pela terceira pessoa dos *Diálogos*, em que o autor aparece como juiz da primeira pessoa Jean-Jacques (de onde o Rousseau está agora ausente), e culmina na completa fusão da primeira pessoa com o próprio sonho e a fala nos *Devaneios*, onde haveria, para Foucault, um encontro das pessoas (primeira e terceira) tratadas nos dois textos anteriores. Trata-se, para Foucault, de um exercício de desconstituição de si que culminará na total dissolução do sujeito. O sonho e a literatura confluem num mesmo e único espaço, donde o sujeito desapareceu, se dispersou, ou se multiplicou ao infinito.

CAIUS BRANDÃO
caiusbrandao@globo.com
Graduado, UFG

As distintas ideias de justiça no pensamento de Rousseau

A questão sobre a origem e os fundamentos da justiça, em Rousseau, requer um estudo cuidadoso sobre as noções ontologicamente distintas - a justiça divina, a justiça dos cidadãos e a justiça universal - que permeiam, particularmente, o *Segundo Discurso*, o *Emílio* e o *Contrato social*. Nesta comunicação, iremos indagar sobre as suas genealogias e teleologias. Quando for pertinente, buscaremos conhecer a sua temporalidade e extensão, mas, em todos os casos, nos esforçaremos para compreender os seus modos e condições de existência. Trataremos as ideias de justiça como objetos a serem esclarecidos e lhes atribuiremos uma tipologia, com a qual sistematizaremos a nossa investigação. Em seguida, trataremos das relações que estes distintos modelos de justiça mantém entre si e como eles compõem o todo do pensamento político-filosófico de Jean-Jacques Rousseau.

CAMILA BARBOSA SABINO
camilabsabino@yahoo.com.br
Mestranda, Unesp

A concepção de lei no Contrato social de J.-J. Rousseau

O estudo em questão visa analisar como a concepção lei se encontra inserida no *Contrato social* de J.-J. Rousseau. Esta análise partirá do questionamento acerca de uma ordem civil com alguma regra de administração que seja realmente legítima e segura para o

Estado, seguida da proposta, dentro de um plano de direito (não de fato) no *Contrato social*, da criação de um instrumental que viabiliza a existência de um Estado justo. Estado este criado primeiramente através do pacto social, que provém da própria organização humana e que submete a todos, inclusive os governantes, à vontade geral, formando por agregação um conjunto de forças que impele o corpo político a um só móvel, e mantido, num segundo momento, pela legislação que dá movimento e vontade ao corpo político.

CARLA BROMBERG
carlabromberg@gmail.com
Pós-doutoranda, PUC-SP

A classificação da música na obra de Jean-Jacques Rousseau

A historiografia musical reconhece o filósofo Rousseau basicamente por sua participação em três eventos acontecidos durante o século XVIII. O primeiro evento foi a reviravolta causada pela formulação da noção do baixo fundamental por Phillip Rameau; o segundo, a criação da *Enciclopédia* por Diderot e d'Alembert, tendo nos escritos de Rousseau a principal contribuição para a música como área de conhecimento; e finalmente, o evento conhecido como "a querela dos bufões" (1753), no qual Rousseau discutiu os relativos méritos da ópera cômica italiana e da ópera trágica francesa. Neste trabalho pretende-se mostrar, através do enfoque da história da ciência, de que forma as arguições de Rousseau, expostas nas ocasiões acima mencionadas, combinaram-se ou não para gerar a definição dos elementos e estruturas musicais de seu *Dictionnaire de musique*.

CARLA MILANI DAMIÃO
cmdw16@gmail.com
Professora Doutora, UFG

Sinceridade e verdade nos escritos autobiográficos de Rousseau

Propomos considerar dois escritos autobiográficos de Rousseau: as *Confissões* e os *Devaneios de um caminhante solitário*. O objetivo é comparar a constituição da subjetividade homogênea das *Confissões* à fragmentação desta, que ocorre no percurso de outros escritos e culmina no último escrito. Em outras palavras, uma comparação entre a confiança do sujeito íntegro nas *Confissões* - a autêntica fala do coração, ao lado de Deus e da natureza - e a "escrita aquém da morte"

nos *Devaneios*. Acrescentamos a estes extremos duas divisas: a da sinceridade absoluta e o lema do *vitam impendere vero*, em vista dos quais pode-se afirmar que, ao tornar-se impossível a tarefa de se ser absolutamente sincero, o compromisso de dedicar sua vida à verdade assume o papel principal no jogo de reconhecimento empreendido por Rousseau em seus escritos autobiográficos. O *vitam impendere vero* torna-se a legitimação do compromisso com a verdade, mesmo que esta nem sempre tenha se realizado; torna-se, entretanto, um substituto suficiente para o sentimento que buscava a transparência total da sinceridade. Consideraremos a "Quarta caminhada" dos *Devaneios* para fundamentar essa transposição realizada com base na revisão do episódio que teria, segundo Rousseau, motivado a escrita das *Confissões*: o episódio de uma fita roubada por Rousseau na casa em que trabalhou. Num processo de acareação entre os demais empregados, Rousseau teria acusado Marion pelo roubo. Deste processo de expiação da culpa, teria surgido seu primeiro escrito autobiográfico, episódio ao qual Rousseau afirma nunca mais retornar. Retorna, no entanto, no último escrito para justificar mais uma vez o ocorrido, desta vez, na ideia de um compromisso maior com a verdade, e não apenas como o resultado de uma transparência do relato. Os intérpretes que baseiam essa exposição são Jean Starobinski e Bento Prado Jr.

CESAR GUERRA SCARPELLI
cesar_scarpelli@hotmail.com
Graduando, USP

A influência da obra Emílio ou Da educação, de J.-J. Rousseau, na obra pedagógica de J. H. Pestalozzi

O estudo a ser apresentado discorre sobre a influência de umas das principais obras de Rousseau, o *Emílio ou Da educação*, na filosofia e prática pedagógica do século XIX, em particular a do educador J. H. Pestalozzi, fundador da escola popular na história moderna. A influência desta obra de Rousseau na metodologia de Pestalozzi estende-se por diversos campos do trabalho teórico e prático deste, seja na concepção do espaço escolar, na relação familiar com o processo educativo, ou na elaboração dos currículos escolares, sendo que tal influência se representaria significativa para as futuras concepções de educação no século que se adentrava.

CLAUDINEI LUIZ CHITOLINA
claudinei.chitolina@pucpr.br
Professor Doutor, PUC-PR-Maringá e Unespar-Paranavaí

Soberania política e sociedade civil em Rousseau

O presente texto pretende analisar os fundamentos do Estado (poder político) consignados na obra *O contrato social* de Rousseau. Embora encontrem-se presos em toda parte, todos os indivíduos nascem livres e iguais, razão pela qual podem celebrar pactos de associação. O contrato social dá existência à sociedade civil, uma vez que a fonte (origem) do poder não está nos indivíduos isolados, mas nos indivíduos associados (cidadãos). Entretanto, podem ocorrer contratos ilegítimos, destituídos de validade. Por exemplo, quando os poderosos (ricos) impõem aos pobres (fracos) sua vontade de forma arbitrária. Por isso, a legitimidade dos contratos depende sempre do consentimento racional - base da vida civil ou associada. A lei é o dispositivo jurídico que dá movimento ao corpo político. Ou melhor, a lei deve ser expressão da razão, por isso, obedecer a razão é obedecer a si mesmo. Daí que ninguém está obrigado a agir contra a (sua) razão, embora possa agir contra a (sua) vontade. Soberania e sociedade civil são, portanto, termos correlatos. Não há soberania política sem sociedade civil e vice-versa. A origem do poder político coincide com a constituição da sociedade civil. Por conseguinte, o soberano é o povo (a união dos cidadãos) que, diferentemente da multidão (agregado de indivíduos), busca o interesse comum. Daí dizer que a democracia em Rousseau assume um sentido radical. Se o governo não estiver a serviço do soberano, deverá ser destituído de suas funções. Ou seja, o governo está subordinado ao soberano (ao povo), uma vez que a soberania é indivisível e intransferível. Contudo, se não nascemos insociáveis, também não nascemos cidadãos - aptos para o exercício da vida associada ou para o exercício da cidadania. A sociabilidade diz respeito à perfectibilidade da natureza humana. A cidadania não é possível sem uma educação política (e moral) que promova a transformação da vontade particular em vontade geral (a busca do bem comum), ou seja, a transformação do homem em cidadão (ser social). Nesse sentido, ser cidadão é ser parte (fração) de um todo maior (a sociedade).

CLAUDIO ARAUJO REIS
reis@unb.br
Professor Doutor, UnB

Rousseau e a imaginação espectatorial

Rousseau, na sua crítica aos espetáculos, parece levar o teatro mais a sério do que o fazem os que se apresentam como seus defensores. O que a representação teatral põe em jogo, para Rousseau, são as próprias potências morais de julgamento, entre elas um certo uso da imaginação. A intenção deste texto é discutir, tomando como ponto de partida essa crítica ao teatro, o papel que Rousseau reserva, em nossa experiência moral, à imaginação. A partir daí, vamos ver como se articulam em uma ampla teoria do sentimento (que inclui ainda a discussão sobre a piedade e o amor próprio, que serão apenas mencionados neste trabalho) as abordagens rousseaunianas da capacidade moral e da capacidade social (da sociabilidade) dos indivíduos.

CLAUDIO BOEIRA GARCIA
garcia@unijui.edu.br
Professor Doutor, Unijuí

Rousseau: direito político e utilidade pública

Rousseau encerra o capítulo IX do livro IV de *O contrato social* afirmando que, ao estabelecer os princípios do direito político, se esforçou para fundamentar as bases do Estado. O propósito deste texto é evidenciar noções axiais que articulam as descrições do Estado republicano por ele concebido com passagens do capítulo VIII, no qual discute o assunto da religião civil, quais sejam: o direito que o pacto social dá ao soberano sobre os súditos não ultrapassa (...) os limites da utilidade pública; os súditos só devem prestar contas ao soberano daquelas opiniões que interessam à comunidade; atualmente, quando não existe mais e não pode mais existir qualquer religião nacional exclusiva, devem ser toleradas as que toleram as demais, desde que seus dogmas não contrariem os deveres dos cidadãos.

CRISTIANO DE ALMEIDA CORREIA
criscorreia@msn.com
Mestrando, UFS

Rousseau e o conceito de guerra legítima

Ao afirmar, no *Princípios do direito da guerra*, que o estado de guerra entre as nações é uma condição permanente, Rousseau nos

mostra uma faceta pouco explorada de seu pensamento: o realismo político. Nossa intenção neste trabalho é mostrar como o autor chega a essa conclusão ao mesmo tempo em que tenta estabelecer princípios que regulem as relações entre Estados com vistas a atenuar as barbáries geradas pelos conflitos a partir da instauração do conceito de guerra legítima.

DALVA APARECIDA GARCIA
dalva_garcia@terra.com.br
Professora Mestre, PUC-SP

O otimismo caolho do iluminismo: Voltaire e Rousseau

A apresentação pretende analisar alguns aspectos do ideário do iluminismo francês a partir das possíveis divergências entre Voltaire e Rousseau. Neste contexto não podemos deixar de considerar Voltaire como ideólogo e propagandista de um movimento que, apesar da multiplicidade de autores, obras e abordagens, reunia a crença em razão autônoma e crítica. Crítico ferrenho dos grandes sistemas filosóficos, a obra de Voltaire não esconde um certa desconfiança capaz de engendrar intolerância. Uma leitura atenta dos denominados contos filosóficos nos apresenta uma série de personagens caolhos, não apenas incapazes de vislumbrar a totalidade, mas sobretudo, aprisionados ao seu campo de visão. Menon perde um olho na esperança de realizar o projeto de ser perfeitamente sábio; Pangloss, mestre de Cândido, mal pode enxergar os infortúnios que afastam os homens da harmonia pré-estabecida leibniziana. Todavia, o olhar desconfiado de Voltaire não é capaz de balançar sua crença na racionalidade vinculada à história e à ideia de progresso. Por outro lado, é Rousseau em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* que toma a díficil tarefa de levar a cabo a crítica da razão, dando um golpe fatal na ideia de progresso. Criticado pelos iluministas franceses e, talvez, o mais iluminista de todos, Rousseau não poupa do crivo da razão sequer o otimismo de seus interlocutores. Entre luzes e sombras, otimismo e cetismo, teria Rousseau a lança do pessimismo que poderia atingir todo um ideário, ou ainda, seria Voltaire tão somente um ardente propagandista de uma razão militante?

DANIEL LAGO MONTEIRO
daniel.l.monteiro@hotmail.com
Doutorando, USP

Rousseau, Burke e as ambiguidades do perfil do homem moderno, segundo William Hazlitt

Para o crítico e ensaísta inglês William Hazlitt (1778-1830), nunca o perfil de um homem se mostrou tão ambíguo, multiforme e, ao mesmo tempo, atual quanto em Jean-Jacques Rousseau e em Edmund Burke. Saudado pelos jacobinos como o seu mais legítimo precursor, o filósofo de Genebra, com a força e a densidade de suas sensações e ideias, "trouxe para o peito de cada um o sentimento irreconciliável de inimizade para com as distinções sociais e o privilégio". Em contrapartida, o político de Westminster, ao empunhar ferozmente suas palavras para se contrapor a tudo que atentasse contra a "unidade e a harmonia do todo", da qual afirmava fazerem parte as desigualdades e os preconceitos, passou a ser tido como o mais ilustre antagonista da modernidade. Evitando toda espécie de interpretação dualista - Rousseau, bastião da modernidade, Burke, representante das forças conservadoras do passado -, os escritos de Hazlitt nos legaram alguns dos comentários mais argutos sobre o "gênio protéico" desses dois autores. Este é o caso dos perfis (*characters* ou *portraits*) de Rousseau e de Burke. Subgênero da escrita de ensaios, cujo mote consiste em "fixar o espírito" de um autor ou de um tipo humano, o perfil foi uma das formas literárias mais cultivadas pelo crítico inglês Willian Hazlitt. Contudo, ao traçar as linhas gerais de Rousseau e de Burke, a mão hábil de Hazlitt se viu diante de dificuldades incontornáveis: de um lado, o paradoxo das "aspirações febris" do filósofo da vontade geral pela solidão e pela quietude; de outro, a ambivalência do político que, em desacordo com os seus contemporâneos, viu-se frequentemente obrigado a repor os seus "princípios" e "conclusões práticas". Essas dificuldades, por sua vez, somam-se àquelas qualidades identificadas por Hazlitt como marcas do homem moderno: as imperfeições, as fissuras e a união dos "opostos mais extremos".

DANIELA PRANDI & JENIFER QUEILA DE SANTANA
prandidaniela@yahoo.com.br
Graduandas em Relações Internacionais, UFPB

O governante como outro: a representação no Executivo

No *Contrato social*, Rousseau não admite a representação no Legislativo, mas sim no Executivo - o uso da força pode ser delegado, ao contrário da vontade. Este trabalho analisa as condições para os representantes não extrapolarem suas funções, as formas de evitar o problema, os mecanismos de controle. Para isto os magistrados não podem manifestar sua vontade particular. Ao contrário dos indivíduos em geral, que são súditos e membros do soberano, estes precisam ser apenas súditos no exercício dos cargos no governo. Como evitar que esta dupla condição do indivíduo apareça nos governantes? A literatura contemporânea sobre *accountability*, mesmo referindo-se a um modelo político bastante distinto, pode ajudar a pensar esta questão do *Contrato social*.

DANIELA SILVA PIRES
danispires1@gmail.com
Mestranda, UESB

A flora e a memória em Devaneios do caminhante solitário

O objetivo da comunicação é discutir a relação arte/natureza a partir dos *Devaneios do caminhante solitário*, de J.-J. Rousseau, escrito em meados de 1778. A contemplação da flora é o meio através do qual Rousseau se aproxima do desejo de uma fusão com a natureza. Por um lado, a atividade botânica o fez trocar as "tristes papeladas" por "flores e feno": o mundo vegetal revigorou sua "saúde original". Por outro, a memória, esta genealógica, configura na escrita uma vontade de retomar, através do exercício da caminhada, a sua origem, pela formulação de um sistema de descrição da própria alma. Assim, a proposta é entender em que medida esta experiência se constitui na forma privilegiada para a revelação do íntimo e da natureza pelo artifício.

DORIS ACCIOLY E SILVA
daccioly@usp.br
Professora Doutora, USP

Jean-Jacques Rousseau, natureza, razão e sensibilidade

Rousseau pertence a uma linhagem de pensadores, como Montaigne e Pascal, que não podem ser catalogados como dualistas. Seu pensamento é transdisciplinar e cria noções novas de razão, natureza, sensibilidade, autonomia, incluindo a liberdade e a consciência como inseparáveis na vida individual e social. Da música à botânica, da pedagogia à ética, da política às artes, Rousseau inaugura uma crítica do racionalismo, sem negar a razão interligando-a ao sentimento de existência e à ideia de compaixão como fundamento necessário da condição humana. É nosso contemporâneo ao conceber os seres humanos como um todo tecido de razão, desrazão, identidade e diferença, natureza e cultura. É essa amplitude, com os dilaceramentos que nos compõem, que fazem de Rousseau o outro que somos nós mesmos. Discutir essas questões é a proposta dessa reflexão.

DOUGLAS FERREIRA BARROS
douglasfbarros@gmail.com
Professor Doutor, PUC-Campinas

Poder, religião e política: os cristãos seriam realmente "feitos para ser escravos"?

Este texto pretende aprofundar o tema da relação entre poder e religião, tomando por base a análise feita por Rousseau em *Do contrato social*. Interessa-nos em primeiro lugar a avaliação segundo a qual os cristãos, desde que concordam em se submeter a um poder divino na terra, tendo como pontífice o papa, antes do poder político civil, provocam uma cisão no interior da sociedade que abriga esses dois poderes de naturezas distintas. Também por se preocuparem mais com os problemas transcendentes do que com os humanos, os cristãos jamais seriam bons guerreiros e não estariam interessados nos problemas do Estado. Em uma situação de perigo, os cristãos, piedosos e resignados em face da possibilidade de vitória do inimigo combatente, não estariam dispostos a morrer pelo bem da vida pública terrena. Segundo Rousseau, por não investirem no sentimento de sociabilidade pública, eles não seriam bons cidadãos. Mas, é correto aceitar que

eles nutrem um total desinteresse pela vida civil? Para aprofundar a questão, recorreremos, além da obra de Rousseau, a alguns aspectos da avaliação de Hobbes sobre o mesmo tema. Ao final, pretendemos mostrar como o debate levantado por estes filósofos constitui um dos veios centrais de uma discussão contemporânea da teologia-política.

EDUARDO CARDOSO BRAGA
eduardo.cbraga@sp.senac.br
Professor Doutor, Centro Universitário Senac - Campus Santo Amaro - SP

Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea

Trata-se de investigar as relações entre a filosofia da ecologia profunda (*deep ecology*) e o pensamento de Rousseau. Na complexa equação entre o eu e o outro, por vezes o outro se apresenta, em Rousseau, como um tipo de totalidade, seja a cidade, a sociedade, a cultura ou a natureza. É nas relações entre o eu e a natureza, entendida enquanto totalidade, que emergem fortemente as comparações entre Rousseau e a filosofia ecológica contemporânea. Rousseau sempre defendeu a superioridade moral de um estilo de vida de acordo com os mais simples impulsos da natureza. Também, ele foi um severo crítico da noção da necessária conexão entre progresso científico-material e progresso moral. Argumentaremos que o complexo pensamento de Rousseau acerca da relação entre homem e natureza guarda profundas relações com o programa proposto pela ecologia profunda, em especial, a filosofia de Arne Naess. Para tanto, vamos explorar as conexões teóricas entre a visão da "queda humana" e sua separação da natureza em Rousseau e algumas obras importantes do ambientalismo radical. Também pretendemos comparar as possíveis soluções apresentadas por Rousseau para a reconciliação entre homem e natureza e a visão crítica e a práxis da ecologia profunda. Visamos então enriquecer o debate contemporâneo com o diálogo da sempre presente tradição rousseauniana.

EDUARDO LEONEL CORRÊA CARDOSO
eduardoleonel@usp.br
Mestrando, USP

O outro no realismo político de Jean-Jacques Rousseau

A tradição de leitura realista tem como fundamento teórico a filosofia de Maquiavel e Hobbes. No entanto, apesar das diferenças

de Rousseau diante dos supracitados, pode-se afirmar que é razoável uma leitura realista da sua política. Isso porque a política de redução dos danos daqueles também está na filosofia do genebrino. Além disso, há um fundamento ímpar de realismo na política de Rousseau: a decadência. Portanto, o que aqui está em questão é a investigação do esforço de Rousseau em estabelecer instituições políticas legítimas e próximas aos indivíduos já situados em uma dada sociedade. O "eu" do homem original perdeu espaço para o "outro" do homem artificial, porém, real. O conflito político do realismo político de Maquiavel e Hobbes ainda está presente, mas à maneira de Rousseau.

ELAINE CAMUNHA
elainecamunha@ig.com.br
Professora Mestre, Centro Universitário São Camilo

O "eu" e o "outro": o homem natural do Discurso sobre a desigualdade e o cidadão do Contrato

De um lado, temos o homem natural e a valorização da liberdade individual no *Discurso sobre a desigualdade*. De outro, temos o cidadão e a liberdade civil no *Contrato*. É possível conciliar o individualismo de Rousseau e sua teoria da soberania do Estado? Em outras palavras, "eu" e "outro" são compatíveis? Esse problema pode ser discutido sob várias perspectivas, e ele já foi tratado por muitos estudiosos do pensamento de Rousseau. Nosso objetivo é apresentar alguns argumentos a favor e alguns argumentos contra essa compatibilização.

ELAINE FERNANDES PASSOS
elaine.passos@usp.br
Graduanda, USP

A educação pública e o governo legítimo em Rousseau

Este trabalho propõe discussões teóricas acerca da educação pública e do governo legítimo no pensamento de Rousseau e da relação que o autor estabelece entre os dois conceitos, procurando investigar a hipótese de uma educação pública como meio de formação de uma sociedade legítima, ou mesmo de reforma das sociedades existentes. A justificativa desta abordagem se deve, em primeiro lugar, pela necessidade de se discutir outro viés de educação proposto por Rousseau, dada a ênfase nos cursos de pedagogia à

educação doméstica a partir da obra *Emílio*. E, em segundo lugar, pela relevância do conceito de educação pública na obra deste filósofo, sobretudo em seus escritos sobre economia política. Com o enfoque em passagens sobre a educação pública no *Discurso sobre a Economia Política* e nas *Considerações sobre o governo da Polônia*, procuro situar a discussão do tema ao lado de outros conceitos desenvolvidos por Rousseau: o governo legítimo, o homem na natureza e o homem na sociedade, a formação do homem e a formação do cidadão.

ELENA VÁSSINA & NATALIA QUINTERO
lenavass@uol.com.br
Professora Doutora, USP / Doutoranda, USP

J.-J. Rousseau na obra e na vida de Lev Tolstói: influências e diálogos

Sabe-se que Lev Tolstói leu pela primeira vez as obras de Rousseau, quando tinha 15 anos. O impacto foi tão grande que o jovem Tolstói passou a usar uma medalha com o retrato de Rousseau. Desde então, o filosofo suíço se tornou um grande interlocutor de Lev Tolstói em sua criação literária, pedagógica e filosófica, além de inspirar o próprio modelo de vida de Tolstoi. O objetivo da comunicação é detectar as vertentes da profunda influência que Rousseau exerceu na obra e vida de Tolstói e também analisar as formas de relações dialógicas que o escritor russo desenvolveu com o pensador suíço.

ELIZÂNGELA INOCÊNCIO MATTOS
zanolea@bol.com.br
Professora Mestre, Universidade Federal do Tocantins; Doutoranda, UFSCar

De um retorno a si mesmo: Rousseau e os Devaneios

A inquestionável riqueza literária do texto de Rousseau, *Os devaneios do caminhante solitário*, parte integrante dos considerados escritos autobiográficos do filósofo genebrino, demonstram em suas caminhadas um autor que retorna a si mesmo, uma consciência de si que parece se distanciar permanentemente daqueles que compreende terem mal entendido suas obras, mais ainda, o Rousseau dos *Devaneios*, na introspecção de seus pensamentos, deixa entrever o importante papel da reflexão a fim de em suas caminhadas, escrever que sua natureza não fora feita para a sociedade que, incompatível com esta, o delega enquanto

indivíduo ao jugo e opiniões dos outros. Mais ainda, os *Devaneios* demonstram o caminhante que descreve a possibilidade de não ter sido compreendido pelos demais, ressentido pela condição de tamanho mal-estar. Diante do retorno a si mesmo, mostra-se satisfeito frente ao que encontra e um elemento se presentifica ao longo das caminhadas: a preocupação de Rousseau em atrelar as questões morais à própria conduta individual. Assim, o presente texto se propõe a tratar do embate entre natureza e sociedade na referida obra, buscando elucidar a riqueza e a satisfação do autor no retorno a si mesmo, na identificação de si com a natureza, onde descreve experimentar uma felicidade a que fora delegado por ela. Ao apoiar-se em si, Rousseau demonstra o equilíbrio que encontra longe de todos. Os caminhos do solitário demonstram o retorno a si e seus impasses quando da relação com os outros. No interior de suas reflexões, Rousseau nos remete a apreender os impasses da vida em sociedade e da natureza.

ELLEN ELSIE NASCIMENTO
ellen_elsie@hotmail.com
Mestranda, USP

"Romance Necessário": estética e intenção do romance epistolar pelo olhar de Rousseau

Este trabalho reúne esforços no sentido de analisar o romance *La Nouvelle Héloïse* considerando as inovações estéticas trazidas por Rousseau em face do período de então (século XVIII) e a relevância explicativa da obra no seio do pensamento do autor. Aos propósitos do trabalho, é fundamental entender a escolha do gênero epistolar a fim de facilitar o estreitamento da narrativa com a experiência do leitor, o que se combina com a crítica da representação e com o ideal rousseauniano da transparência, perfazendo o formato do romance que Rousseau transige em considerar necessário por oferecer um exemplo de virtude no amor a uma sociedade degenerada pela corrupção dos costumes.

EMANOEL PEDRO DOS SANTOS
emanoel@espm.br
Graduando, PUC-SP

Como as ciências e as artes corrompem a virtude e a moral do homem no pensamento de Jean Jacques Rousseau.

Ao escrever o *Discurso sobre as ciências e as artes*, respondendo a uma questão da Academia de Dijon, Rousseau estabelece os aspectos que levam ao declínio da virtude e da moral no homem e no cidadão. O presente trabalho tem como objetivo revelar que a racionalidade exacerbada somada à vida intensa das grandes cidades tem um poder ruinoso na formação dos hábitos, dos costumes e da maneira de viver do homem. O suporte para este comentário vem de um levantamento histórico relevante de civilizações, como a grega e a romana. Rousseau alega que existe uma relação inversa entre ciência e arte, de um lado, e virtude e felicidade, de outro.

ENÉIAS DA ROSA
eneias_2@hotmail.com
Mestrando, UFG

Sobre a possibilidade de universalização dos direitos humanos em Rousseau

O tema dos direitos humanos está entre os principais temas debatidos no âmbito da filosofia moderna e contemporânea, especialmente em áreas como a ética, a filosofia política e a filosofia do direito. É um tema de amplo interesse que ocupa centralidade no âmbito do debate político, social, econômico e das relações internacionais, ao mesmo tempo em que não encontra uma compreensão unívoca. Neste sentido, um dos grandes problemas postos pelo tema dos direitos humanos à filosofia é o da fundamentação da sua pretensa universalidade. Tal problema é o que pretendemos investigar a partir da análise do pensamento de Rousseau. Partimos da concepção rousseauísta, que entende a liberdade e a igualdade entre os homens como fundamentos que alicerçam a relação com a natureza e a vida comum dos sujeitos entre si na historicidade, para analisar a possibilidade da universalização dos direitos humanos. Perguntaremos, portanto, se a universalização dos direitos humanos em Rousseau decorre do reconhecimento incondicional da liberdade e da igualdade humana, tanto no âmbito da natureza quanto da sociabilidade.

ERICSON SÁVIO FALABRETTI
efalabretti@gmail.com
Professor Doutor, PUC-PR

A linguística de Rousseau: a estrutura aberta e a potência criadora da linguagem

O exame da linguagem ocupa um lugar central no conjunto do pensamento rousseauniano ao mesmo tempo em que apresenta uma nova teoria sobre a linguística. A novidade da linguística rousseauniana, objeto de análise desse trabalho, está na consideração da não-presença, da estrutura aberta e da potência criadora da linguagem. A não-presença, a consideração de que a linguagem não nasceu na natureza e, também, não é instituição social, revela a solução inédita de Rousseau para o problema da origem da linguagem. Já as noções de estrutura aberta e potência criadora remontam à função central da linguagem na explicação da historiografia e da antropologia rousseauniana. No *Ensaio sobre a origem das línguas* e no segundo *Discurso*, Rousseau revisita a discussão antropológica e a perspectiva anti-histórica do homem e, ainda, reassume o problema do tempo - da saída do estado de natureza, do devir e da aparência - como história das línguas. O trabalho também discute essa dupla tese, a centralidade e a novidade do estudo rousseauniano da linguagem, retomando as interpretações de Derrida e de Bento Prado Jr. O conceito derridariano de suplementariedade e a concepção nuclear de retórica - enunciada por Derrida e aprofundada por Bento Prado Jr - radicalizam o sentido das noções de potência criativa e estrutura aberta da linguagem e, ainda, revelam as implicações da teoria rousseauniana da linguagem para a compreensão das diferentes experiências da fala e da escrita na natureza, na sociedade, na política e na autodescrição.

EVALDO BECKER
evaldobecker@gmail.com
Professor Doutor, UFS

Razão de Estado e guerras de defesa e de conquista: Rousseau leitor de Maquiavel

Analisaremos através das leituras feitas por Rousseau, da obra de Maquiavel, quais os limites da ideia de "Razão de Estado". Maquiavel, segundo Rousseau, "fingindo dar lições aos reis, deu-as, grandes aos povos", e é considerado por este um verdadeiro

republicano, defensor da pátria e da liberdade. Ambos criticam as tiranias, defendem o povo, e admitem a quebra da palavra dada, extorquida pela violência. Contudo, diferem substancialmente sobre o melhor modelo de política externa. Maquiavel defende o Império, encarnado na política de Roma, Rousseau prefere as ligas defensivas. Pautaremo-nos na leitura d'*O Príncipe* e dos *Discorsi*, de Maquiavel, e do *Contrato* e dos *Princípios do direito da guerra* de Rousseau.

EVANIELE ANTONIA DE OLIVEIRA SANTOS
evaniele_oliveira@hotmail.com
Mestranda, UECE

A festa civil como a possibilidade do encontro com o "outro"

Na *Carta a d'Alembert sobre os espetáculos* nos deparamos com uma crítica severa, por parte de Jean-Jacques Rousseau, voltada para a figura de d'Alembert que, por sua vez, faz defesa da instauração de um grupo de teatro nos limites da pequena cidade de Genebra. Uma das críticas do nosso autor, em relação a essa questão, ou seja, a própria representação, se refere à ideia de que o homem (enquanto espectador da cena teatral) estaria imerso e solitário na penumbra da plateia e, além disso, ao espectar, estaria cedendo o seu lugar próprio para um outro imaginário e totalmente estranho. A proposta deste resumo é colocar em evidência o elogio à expressividade, própria das festas populares, como uma possibilidade de encontro com o outro.

FABIANA TAMIZARI
fabitamizari@yahoo.com.br
Mestranda, USP

Rousseau e a natureza feminina

Rousseau, no V livro do *Emílio*, propõe um modelo educacional feminino. Ao analisarmos este modelo encontramos a definição de natureza feminina concebida pelo filósofo genebrino, na qual podemos destacar três pontos centrais: a inconsistência ontológica, a ausência de autonomia e a racionalidade prática. Quanto ao primeiro ponto podemos ressaltar que a natureza feminina se constrói, na obra de Rousseau, a partir das necessidades masculinas, em consequência disso, não existe a possibilidade da mulher ter uma existência autônoma e independente. Esta dependência é reforçada

no pensamento rousseauísta na caracterização da racionalidade feminina como prática, dentro deste contexto, a mulher não tem capacidade de discutir e opinar sobre questões que envolvem religião, filosofia ou política, devendo se limitar ao ambiente doméstico.

FABIELE APARECIDA TRUJILLO DA SILVA
trujillo@usp.br
Mestre, USP

O "eu" e o "outro" na prática pedagógica

Rousseau defende a complementaridade e a valorização da formação simultânea do homem e do cidadão, pois educação e política se completam. Mas como o educador brasileiro vivencia a relação eu-homem/outro-cidadão? Os educadores precisam estar conscientes e sempre aprimorando a prática reflexiva acerca da sociedade e, ao mesmo tempo, ver-se como uma fração do meio político. Mantendo seu "eu", analisa o mundo sem a interferência negativa do outro (os meios de comunicação de massa, por exemplo) e se preserva da "desistência de educar", presente em muitas escolas brasileiras; e sendo "outro", pode analisar esta mesma transformação da profissão docente e acentuar seu compromisso com a formação simultânea do homem e do cidadão.

FABIO ANTÔNIO DA SILVA
fabioasilva1983@gmail.com
Mestrando, UFPR

"Eu" e o "outro" no Estado republicano de Jean-Jacques Rousseau

A passagem do "eu" - isolado e independente - ao "outro" - com o qual me associo para garantir a subsistência da espécie - pode ser interpretada, no *Contrato social*, para além da passagem do homem natural ao homem civilizado, como uma busca pela legitimidade dessa associação. Levando-se em conta que no *Segundo Discurso* temos uma constituição fundada - segundo a história hipotética de Rousseau - num engodo, que sob a forma de uma associação vantajosa a todas as partes fez com que os ricos garantissem seu império vilipendiando os pobres, proponho-me tratar dos princípios pelos quais os homens seriam capazes de constituir um Estado legítimo, igualitário e livre, que corresponde ao estado republicano idealizado no *Contrato social*.

FABIO DE BARROS SILVA & TAMÍRIS MOREIRA SIMÃO
fabasi@live.com / tamiris.ms@uol.com.br
Professor Doutor, UFSJ / Graduanda, UFSJ

Jean-Jacques Rousseau e a vida feliz

Considerando, especialmente, a ideia de que "estar de acordo consigo mesmo" constitui, para o homem, um dos aspectos essenciais da vida feliz, o trabalho procura discutir o tema da formação humana vinculada à conquista da felicidade no *Emílio ou Da educação*, de Jean-Jacques Rousseau. Para tanto, pretende considerar a análise e os elementos críticos da visão de Rousseau a respeito da condição humana na sociedade de seu tempo, por meio da análise dos dois primeiros discursos, a saber, o *Discurso sobre as ciências e as artes* e o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, bem como do próprio *Emílio* e de textos autobiográficos.

FABIO STIELTJES YASOSHIMA
fabiosy@yahoo.com.br
Doutorando, USP

A querela Rousseau-Rameau

Como observam diversos comentadores da obra de Rousseau, uma "reavaliação" dos escritos do filósofo genebrino sobre a música entrou em curso há algumas décadas. Os estudos de Jean Starobinski e Jacques Derrida, entre outros, contribuíram sobremaneira para que este processo tivesse início, na segunda metade do século XX. Esta "redescoberta" dos escritos musicais de Rousseau e os debates que ecoam a partir dela, no entanto, estão longe de chegar a um termo. Jean-Philippe Rameau, expoente da estética clássica, figura em quase todos estes escritos de Rousseau relativos à música. A querela Rousseau-Rameau, portanto, longe de constituir apenas um conjunto de anedotas correlativas à relação entre estes dois eminentes *músicos-filósofos* da Ilustração, encerra uma questão mais radical que concerne não só aos escritos musicais de Rousseau, mas, também, aos debates estéticos sobre a teoria e a prática musicais no Século das Luzes.

FILIPE BRAVIM TITO DE PAULA
filipebtp@yahoo.com.br
Doutorando, UFMG

A crítica política da razão cultivada no Discurso sobre as ciências e as artes de J.-J. Rousseau

No Prefácio do *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau indica ao leitor a natureza crítica de seu discurso a partir do artifício retórico de deslocamento da verdade do campo teórico para o campo prático, ou seja, das sutilezas metafísicas para aquelas "verdades que levam à felicidade da humanidade". Para tanto, a reflexão sobre o presente é tomada na perspectiva da ação política e da virtude, não a partir da ideologia progressista da razão cultivada, abrindo espaço para o diagnóstico da corrupção de seu tempo numa chave de abordagem contrária àquela comum às Luzes. Servindo-se das ferramentas estilísticas de um orador, seu discurso exige o distanciamento dos preconceitos, e, supostamente rejeitando a interlocução dos letrados (*Beaux-Esprits*), e das pessoas em moda (*gens à la mode*), cujas opiniões permaneceriam subjugadas, Rousseau assume o lugar de estrangeiro. Ele encaminha seu discurso para fora, para outro lugar onde pode ser compreendido, dirigindo-se àqueles que, como ele próprio, querem "viver para além de seu século". O objetivo desse trabalho é apresentar algumas implicações da acolhida do primado da práxis no *Primeiro Discurso*, uma vez que a crítica da razão expressa pelo desequilíbrio entre o cultivo das ciências, das letras e das artes e a qualidade dos costumes leva Rousseau a lançar o olhar em direção à antiguidade, guia seguro que o genebrino encontra para compreender os elementos fundamentais desse movimento de declínio.

FLÁVIO CAMPOS DE LIMA
che3636@hotmail.com
Graduando, PUC-SP

A função pedagógica do teatro

A *Carta a d'Alembert* de Jean-Jacques Rousseau escrita na segunda metade do século XVIII é um importante texto sobre o teatro. Nele, Rousseau defende que os hábitos e costumes franceses e genebrinos não são idênticos, de tal maneira que o homem é e não é o mesmo, uma vez que os costumes tornam os homens diferentes

entre si. Tal diferença faz com que Rousseau sustente a tese de que o modelo de teatro francês proposto por d'Alembert não convém para Genebra. Tendo em vista que para Rousseau a mudança do estado natural para o estado social implica corrupção, conclui-se que não seria possível afinar os hábitos e costumes de um povo através de artes imitativas e representativas, como sustantava d'Alembert. Além do mais, Paris era, segundo Rousseau, uma grande cidade degenerada e depravada, ao passo que Genebra era uma pequena cidade que ainda preservava os costumes moderados e onde o povo era pacato. Assim, Rousseau diz não ser possível calar-se diante de tal acontecimento.

FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAÚJO
floramartini@hotmail.com
Mestranda, UFPR

Para além de Sophie: a construção do modelo feminino nas obras Les Conversations d'Emilie, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame de Staël

Em 1762, Jean-Jacques Rousseau publicou o tratado de educação *Emile* e, apesar do pouco espaço reservado à mulher, Sophie, a personagem-companheira de Emílio, tornou-se o modelo de feminilidade inspirador de muitas obras de educação do final do século XVIII e do século XIX. Ela é a esposa ideal, sua formação moral e intelectual é toda voltada para este fim. Poucas décadas mais tarde, são publicadas as obras *Les Conversations d'Emilie*, de Madame d'Épinay, e *Corinne*, de Madame de Staël. Apesar de o primeiro ser um tratado de educação e o segundo um romance, os dois estão voltados para a mulher e, a partir das personagens que dão título às obras, foram também construídos modelos femininos. Emilie e Corinne são mulheres muito diferentes de Sophie, sua formação visa à autonomia e à felicidade, independentes da figura masculina. Logo, o presente projeto propõe identificar e analisar estes modelos femininos presentes na escrita de autoria feminina, que desafiaram o modelo rousseauísta de gênero e que ousaram, através da escrita, garantir às mulheres outras possibilidades de existência e de ação.

GABRIEL GUEDES ROSSATTI
jjrossatti@yahoo.com
Doutor, UFSC

'Leur philosophie est pour les autres; il m'en faudroit une pour moi': Rousseau, Kierkegaard e o desenvolvimento da filosofia da existência

Em 1835 Kierkegaard (1813-1855) escrevia em uma suposta carta as seguintes palavras: "O que de fato falta para mim é (...) encontrar uma verdade que seja uma verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu viverei e morrerei". O curioso, porém, é que Kierkegaard desconhecia a obra de Rousseau nesse momento, a qual ele viria a descobrir apenas por volta de 1850. Assim, proponho uma confrontação, pautada sobretudo nos *Devaneios do caminhante solitário*, entre alguns dos conceitos principais presentes nas obras desses pensadores, tais quais existência, indivíduo, instante, angústia e martírio, de maneira a não apenas estabelecer laços entre suas obras, senão com o intuito de iluminar o papel de proeminência devido a Rousseau em termos do desenvolvimento da filosofia da existência.

GABRIELLE RADICA
gabrielle.radica@u-picardie.fr
Professora Doutora, Université de Picardie Jules Vernes

« Qu'est devenue Julie ? »

Certains commentateurs appuient leur analyse de l'« échec » de Clarens sur la tristesse finale de Julie. C'est peut-être compter sans le déroulement du temps qui a transformé l'héroïne et ce, à de multiples reprises dans le roman. La *Nouvelle Héloïse* est certes un roman sans action comme l'écrit Rousseau, et pourtant, il est le théâtre et le lieu privilégié d'observation des transformations de ses personnages. Selon quels principes adviennent ces transformations psychologiques de Julie, transformations conjointes de ses sentiments, de ses liens affectifs et de ses devoirs ? Certaines sont présentées comme advenant du fait de Julie, d'autres sont subies, comme celle qui a lieu durant la fameuse scène du mariage avec Wolmar, d'autres enfin sont concertées avec d'autres personnages. L'étude du sens de ces transformations permet de dégager une morale de type perfectionniste, qui doit être articulée à la notion de

perfectibilité développée dans le second *Discours* et dont les grandes lignes permettraient de saisir l'apport éthique du roman dans l'unité de sa progression au lieu de le réduire à quelques enseignements figés collectés dans les lettres.

GENILDO FERREIRA DA SILVA
genildof@hotmail.com
Professor Doutor, UFBA

Razões para desconfiar das instituições ditas "democráticas"

Rousseau tem como grande desafio pensar as bases da organização social que preservem a liberdade e a igualdade. Inicialmente, pensa no homem conduzido para uma sociedade universal onde reina a liberdade. Mas, como realizar tal sociedade? Que instituições, que organizações iriam concretizá-la? Se o pacto social estabelece entre os cidadãos a igualdade, para Rousseau, só pode existir liberdade quando existir igualdade de direitos e deveres. Se a liberdade e a igualdade constituem o maior de todos os bens, elas devem ser a finalidade de todos os sistemas de legislação e aí se destaca o papel fundamental das instituições que consiste em garantir "que o espírito social presida a própria instituição". Enfim, o ponto nevrálgico da democracia se encontra nas instituições que compõem as sociedades, é isso que Rousseau aponta com clareza na sua obra. Quando denuncia o perigo das instituições, ele alerta para o perigo da acomodação dos membros que formam o corpo social.

GERALDO MÁRCIO DA SILVA
geraldomarciodasilva@yahoo.com.br
Graduado, UEM/PUC-GO/UFG-GO

O conceito rousseauniano de liberdade na sociedade civil

Propomos analisar as ideias de Rousseau no que tange ao conceito de liberdade e às suas condições de possibilidade na sociedade civil a fim de entender como ele definiu a liberdade civil, de que maneira ela se relaciona com a vontade geral, e como o legislador e suas instituições contribuem para a formação de uma sociedade de homens livres. O conceito de vontade geral é essencial nas teses políticas de Rousseau, especialmente a partir da publicação do *Contrato social*. Para Rousseau, existem duas etapas no caminho

que leva o cidadão a tornar-se apto a expressar e seguir os ditames da vontade geral. A primeira é aquela na qual ele aprende a conhecer seu interesse bem compreendido. A segunda é a que o transforma em um sujeito político capaz de conformar sua vontade particular à vontade geral, motivado pela aceitação da lei como condição indispensável para a liberdade. Assim, uma vez que a liberdade é a própria qualidade distintiva dos seres humanos, é preciso que a comunidade política por eles constituída seja fundada em um pacto que respeite continuamente essa liberdade.

GHISLAIN WATERLOT
ghislain.waterlot@unige.ch
Professor Doutor, Université de Genève

La religion de Rousseau: un nouveau christianisme?

Rousseau n'a cessé de se déclarer chrétien, « et sincèrement chrétien », tandis que ses détracteurs l'accusaient d'athéisme ou de déisme. Pourtant, à considérer de près ses conceptions religieuses riches et nuancées, aucune de ces allégations ne va de soi. Mais quelles sont précisément ces conceptions religieuses ? L'approximation ou le malentendu dominent ordinairement la question. Nous nous efforcerons donc d'apporter un peu de clarté et verrons à l'occasion qu'il est hâtif de réduire purement et simplement sa foi à celle du « Vicaire savoyard ». À l'écoute de sa pensée, nous situerons Rousseau par rapport à ses contemporains, et serons attentifs à l'originalité de ce qu'il propose, en nous demandant pour finir si l'on peut parler d'un nouveau christianisme.

GILSON SCHWARTZ
gilson.schwartz@gmail.com
Professor Doutor, USP

Rousseaunomics: Contrato social, colapso do Euro e ECONOMIA do bom selvagem

Há analogia estrutural e precedência genética entre o drama da alteridade do indivíduo na representação do bom selvagem e a teoria do valor que viria com a crise da economia política revelar o outro da representação da riqueza comum, a antítese do contrato social na violência da moeda que se torna o reduto final e palco trágico na distribuição do acesso ao gozo. Esta comunicação propõe

uma iconomia da crise financeira europeia contemporânea e seus efeitos sobre a vida social, a representação política e a energia utópica, libertária e libertina, implícita no projeto civilizatório europeu que construiu 300 anos de esperança iluminista na superação, finalmente pela moeda, da oposição entre o "eu" e o "outro" dentro e fora do espaço europeu. Em especial, será rastreada uma certa herança iluminista no racionalismo econômico das narrativas do desenvolvimento na periferia do capitalismo selvagem, onde a economia política dos contratos está originariamente marcada pela violência simbólica, sexual e racialista. No momento de suprema consagração desse legado democrático e confiante na representação da riqueza e do bem comum, a implementação do Euro, instaurou-se em menos de dez anos e a contrapelo na periferia uma crise estrutural projeto cosmopolita, revelando uma "*rousseaunomics*" ameaçadora em que a superação do colapso monetário parece condenada a percorrer um irreversível retorno ao estado de natureza.

HEITOR PAGLIARO
heitorpagliaro@gmail.com
Mestrando, UFG

O antijusnaturalismo de Rousseau

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi influenciado pelos pensadores da escola do direito natural, sobretudo Hugo Grotius (1583-1645) e Samuel Pufendorf (1632-1694), que defendiam a existência de leis naturais, às quais as leis humanas deveriam ter conformidade. Não só no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), mas também no *Contrato social* (1762), há diversas referências às ideias defendidas pelos autores mencionados acima. Embora tenha realmente sofrido estas influências, Rousseau rompeu com a tradição jusnaturalista ao rejeitar a ideia de lei natural, embora não tenha excluído da sua noção de direito toda e qualquer referência à natureza. Nosso propósito é expor a posição antijusnaturalista de Rousseau, mostrando como o convencionalismo e o naturalismo convivem na sua concepção de direito.

HELDERSON MARIANI PIRES
heldermariani@terra.com.br
Mestre, PUC-SP

O ator de Rousseau

O que um cidadão de Genebra do século XVIII trouxe de tão importante para o teatro que ainda suscita discussões artísticas contemporâneas? Como Rousseau pode contribuir para a reflexão acerca do ator, protagonista do fenômeno teatral, e de sua atuação cênica? O fato de Rousseau estar presente nestas questões indica, no mínimo, ter sido ele um homem incomum. Ele que foi um crítico feroz do teatro e das artes em geral, mas apresentou-se diante da sociedade através daquilo que escrevia, incluindo poemas e textos teatrais. Seus escritos representam sua vida, que cada vez mais ganhou contornos de "vida artística", o mais verdadeira possível, mesmo que fosse ficção vivida, escrita no tom de seu "desassossego". O artista Rousseau transformou sua vida em um romance e um palco no qual se plasmaram tanto suas contradições quanto sua coerência e unidade de pensamento. O teatro traz a excelência da imitação - é o próprio homem travestido de outro homem em espaços pequenos e fechados onde tudo é artificial, ardiloso, concebido para iludir. No entanto, tudo feito de forma grosseira, sem qualidade ou dotes necessários para tanto, tal como escrevia o porta-voz de Rousseau, Saint-Preux, na *La Nouvelle Héloïse*. As imitações usadas nas cenas eram mal acabadas; entretanto, na ilusão do teatro, causavam uma bela impressão para os olhos ingênuos da plateia passiva. É o ser que enfraquece enquanto aumenta-se a força das aparências, que vencem na polidez do teatro e na vida social. A mesma polidez que encobre todos os vícios corresponde àquela exigida do ator francês em sua atuação: manter o decoro para não chocar a plateia. Rousseau enxergava naquele teatro não só um tipo específico de representação artística, mas também uma representação da condição humana dilacerada no conflito entre o ser e o parecer, que afasta o homem não apenas da natureza exterior, mas também de sua natureza interna. É por isso que, na sua insegurança, ele precisa estabelecer bases de comparação e tornar-se outro, ou, pelo menos, parecer ser um outro. Então, é preciso parecer melhor do que se é, é preciso ser outro. Rousseau vai esclarecer mais ainda essa ideia, trazendo ainda o que poderia ser o surgimento do ofício de ator; em seu *De l'imitation théâtrale*, escreveu qual é de fato a imitação necessária no fazer teatral: assim como o arquiteto, o ator em cena

deve ter claro dentro de si a ideia e o sentimento a serem expressos na cena, para que sua atuação se mostre verdadeira e leve a plateia a embarcar na história encenada.

HELENA ESSER DOS REIS
helenaesser@uol.com.br
Professora Doutora, UFG

Piedade: possibilidades e limites ao reconhecimento do outro como igual

Nosso propósito é tematizar um possível vínculo entre cada um e cada outro a partir da análise do sentimento espontâneo de piedade ou compaixão. Trata-se de buscar neste sentimento primitivo a possibilidade de saída da própria individualidade em direção ao outro. Seguramente este movimento não é isento de dificuldades - e nesta comunicação investigaremos duas delas. A primeira decorre de seus próprios pressupostos: a capacidade de colocar-se no lugar do outro depende do reconhecimento do outro como igual. A segunda decorre do processo de socialização que caracteriza-se também como um processo de diferenciação ou desigualização. Discutiremos, portanto, se é possível manter o sentimento de igualdade quando as pessoas se encontram socialmente desiguais ou diferenciadas, para, então, pensar sobre a contribuição de Rousseau para fundamentação dos direitos humanos.

HIGOR FABRÍCIO DE OLIVEIRA
higor.f.oliveira@gmail.com
Mestrando, Unifesp

O nascimento da "duplicidade" de caráter e o percurso da corrupção no Segundo Discurso

Jean-Jacques Rousseau, no *Segundo Discurso*, aborda o problema paradoxal da corrupção do gênero humano que, em sua história hipotética da humanidade, tem lugar no momento da passagem da natureza à sociedade. O ponto de inflexão é certamente o momento em que, após uma primeira aproximação, o homem aprende a se comparar. O nascimento do amor-próprio, apresentado pelo escritor genebrino como o substituto da moral natural, vincula-se decerto à noção concomitante de relatividade, que se sobrepõe ao que em estado de natureza seria o absoluto.

Desse modo, no momento em que a animalidade natural dá lugar ao homem social, o "eu" abandona o absoluto se desfaz relativamente no "outro". O homem civilizado não é apenas o "outro" do homem natural, ele é, antes de tudo, um ser cindido, no qual se dá um conflito constante entre as esferas do "ser" e do "parecer". A passagem da natureza para a sociedade se faz concomitantemente à sobreposição da "essência" pela "aparência"; o homem estaria, de certo modo, obrigado a vestir tantas máscaras quantas forem as necessárias para fazer se passar pelo que não é, e assim, impor-se em um meio competitivo e agressivo.

HOMERO SANTOS SOUZA FILHO
homero.filho@usp.br
Mestrando, USP

A formação do Emílio como o outro da educação

Se a educação proposta no tratado *Emílio* pretende a formação do homem natural pela educação, e assim preservar a natureza no homem pela instrução, pode-se dizer que o Emílio se configura como um "outro" homem natural, distinto daquele primitivo apresentado no *Discurso sobre a desigualdade*. A diferença do Emílio em relação àquele, consequentemente, é a sua educação, que lhe conferirá a capacidade de ser sociável. Isso significa que este personagem converte-se, também, no outro do cidadão, que é completamente desnaturado. Não obstante, o Emílio se apresenta como o outro do homem contemporâneo, que se reduz a nada por conservar na ordem civil o primado dos sentimentos da natureza. Ora, este seria o oposto do Emílio, que representa um prodígio de educação por sua capacidade de ser simultaneamente homem e cidadão. Ele nos revela, portanto, o homem em sua plenitude, capaz de se conservar em todas as circunstâncias. Assim, Emílio se apresenta como o outro tanto do homem natural primitivo, desprovido de razão e sociabilidade, do cidadão, que é educado para viver apenas na comunidade, quanto, ainda, do corrompido homem do século XVIII, fruto de uma inadequada educação.

ILANA VIANA DO AMARAL
ilana.amaral@bol.com.br
Professora Doutora, UFC

Linguagem e crítica da representação: expressão, comunicação e alteridade

Articularemos as relações entre expressão, alteridade e comunicação (presentes no *Ensaio sobre a origem das línguas*), à fala em primeira pessoa, à festa e à experiência política instituinte da assembleia para explicitar a natureza comunicativa destas últimas, experiências nas quais o eu constitui uma relação com o outro como diferença. A tematização da linguagem expressiva em oposição à linguagem representativa permitirá refletir sobre a gênese da crítica rousseauniana da cultura como crítica da experiência moderna. Esta, pensada por Rousseau como sintoma máximo da corrupção progressiva do homem, será articulada à crítica dos espetáculos - mímesis representativa de relações falseadas - frente à qual a exigência comunicativa se apresenta.

ISRAEL ALEXANDRIA COSTA
isralexandria@gmail.com
Professor Mestre, UFAL

Alteridade e tolerância na obra rousseauniana

O presente artigo é o registro de um exame da frase "*je suis autre*" - que Rousseau escreve no Livro I de suas *Confessions* - sob a perspectiva da compreensão do significado e da importância do conjunto da obra rousseauniana no contexto enciclopedista francês. O foco de análise destaca a estrutura dialógica do legado do filósofo em seu desenvolvimento acerca da questão da tolerância e tenta mostrar, através de uma interpretação dos *Dialogues*, que a presença de François-Marie Arouet, ou Voltaire, é menos a de um "outro" factual e antagonista da história empírica e pessoal do cidadão de Genebra que a de um "outro" constitutivo da atividade pensante rousseauniana, em cujo movimento encerra, ao lado da certeza moral instaurada pelo sentimento do eu Jean-Jacques, um "outro" Jean-Jacques pertencente ao antagonista Le François, a representar o momento da dúvida na empreitada de uma epistemologia da moral.

JACIRA DE FREITAS
jacira.freitas2009@hotmail.com
Professora Doutora, Unifesp

A dicotomia interioridade e exterioridade na reelaboração do real nos Diálogos de Rousseau

Nos *Diálogos*, o perfil de Jean-Jacques se exprime na reconstrução do indivíduo segundo sua própria verdade. Rousseau parece optar pela recusa de uma reconstrução pautada na objetividade ou nas convenções do mundo exterior. A reconstrução levada a efeito é perpassada pelo tempo e indissociável da imaginação. O tempo indica a evolução das ações e todas as suas implicações, enquanto a imaginação pode construir ficções, criar possibilidades infinitas que não necessariamente correspondem ao real. O narcisismo desta consciência de si, lugar da manifestação da ordem da natureza, só é possível enquanto a subjetividade se constrói tendo como referência a noção de tempo. O eu interior irrompe como ficção construída na sequência temporal de um espaço imaginário. Nas descrições que ilustram os *Diálogos*, Jean-Jacques aparece sempre submetido às sensações, separado do mundo exterior, como se houvesse a total impossibilidade de reconstituição e conciliação moral com esse universo exterior. Como situar o outro e a si mesmo em um universo de impressões, por meio das quais o passado é captado e (re)construído como se fosse o instante presente? A tentativa de organização desse conjunto de impressões significa que há uma passagem do âmbito das sensações para aquele do julgamento? Trata-se de perscrutar o significado da dicotomia interioridade/exterioridade na reelaboração do real e mostrar como se constrói nesta obra, uma tal reflexão mediada pela razão, cuja interferência da imaginação expõe o próprio desafio da teoria do conhecimento do filósofo.

JACQUES BERCHTOLD
berchtold.jacques@wanadoo.fr
Professor Doutor, Université Paris IV - Sorbonne

La bourgade suisse rustique, modèle d'un vivre ensemble ? (La Nouvelle Héloïse)

Le long roman épistolaire de Rousseau, s'impose comme l'autorité de référence en ce qui concerne la réhabilitation de la vie campagnarde. Tous les modernes s'y référeront désormais comme on s'était jusqu'alors référé aux poèmes arcadiens et rustiques de Virgile.

L'homme vertueux fuit la société mondaine organisée en classes distinctes et trouve refuge dans un monde simplifié, loin des tensions politiques des grandes villes. L'enclave de Clarens se soustrait à la corruption : grâce à sa petite dimension et à son autarcie, la communauté agraire semble abritée des vices. En se démarquant du monde réel tristement familier au lecteur, l'idylle offre la virtualité d'un « modèle » de réalité, alternatif enviable. La description d'une telle contre-société innocente offre les rudiments d'une élaboration « utopique ».

L'idylle, en dépit de ses prémisses artificielles, donne à penser un état où l'homme serait encore dans la proximité directe de la nature. L'accent de la voix épistolaire de Saint-Preux est plus perspicace qu'un discours cérébral qui accorderait le privilège à la rationalité. Seul le discours poétique permet d'envisager la vérité supérieure de l'émotion. L'idylle offre ainsi une « image » juste aux Européens de 1760, indûment adeptes du progrès des sciences et des arts et tentés par le matérialisme, le libertinage et l'athéisme.

À un mouvement rétrograde (la propension à se réfugier dans un rêve passéiste) répond le projet de se servir du « modèle » de façon concrète et de le réaliser au mieux. Peut-on pour autant comprendre comme un appel à être appliqué et vérifié, l'exposé d'une sociabilité au sein d'un « état de nature » présenté comme tel, alors que, du point de vue de la tradition générique, celui-ci n'emprunte qu'à une voie littéraire (fruit de l'art), qu'à un « modèle » qui n'offre guère plus que l'illusion, d'un dépaysement ?

Dans les lettres de *La Nouvelle Héloïse*, le « naturel » offre un double visage. Il relève de la critique sociale (regard vers la vie campagnarde réelle), mais il ravive en même temps le souvenir du genre bucolique antique. En créant un monde fictionnel rustique, Rousseau réalise un acte politique. Il agit politiquement sur ses semblables. *La Nouvelle Héloïse* cherche à « éloigner toutes les choses d'institution ; [à] ramener tout à la nature ; [à] donner aux hommes l'amour d'une vie égale et simple […] ». Elle agit sur la sensibilité pour inverser le progrès de la civilisation. Rousseau transpose dans l'actualité une image de l'époque la plus heureuse de l'histoire humaine : le « second état de nature » - tel qu'il l'avait décrit, à des fins critiques, cinq ans plus tôt, au cœur de son second *Discours*.

JEANNE MARIE GAGNEBIN
jmgagnebin@gmail.com
Professora Doutora, PUC-SP e Unicamp

Renoncer à 'tout dire'

En opposition à l'affirmation courante que *Les Confessions* de Rousseau représenteraient le paradigme originaire de l'autobiographie, cette communication essaiera de montrer qu'elles en tracent bien davantage les limites, limites reconnues et nommées en particulier dans la première promenade des *Rêveries d'un promeneur solitaire*, à savoir : il est impossible de « tout dire » sans tomber ou dans l'exhibitionnisme ou dans l'apologie, quand n'existe plus le regard omniscient de Dieu sur le moi, présent chez Saint Augustin; et le projet d'être véritablement connu est d'abord celui d'être véritablement reconnu, c'est-à dire paie son tribut à l'amour propre, aux dépens du véritable amour de soi. Demeure, paradoxalement, la grâce de pouvoir revivre sa vie par l'artifice de l'écriture.

JHONNY NUNES DA CUNHA
jnunesdacunha@gmail.com
Graduando, Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG

A origem da desigualdade entre os homens em Rousseau

Rousseau inaugura um novo método de pensamento, saindo dos livros de história e indo à natureza mesma, que não engana. Ele parte da razão, e pela lógica quer chegar às coisas como são. Para isso, cria um estado ideal para bem julgar o presente. Os demais filósofos fazem o contrário e caem no erro de atribuir características ao homem natural que pertencem à vida em sociedade, como a ideia de bom e mal. Com este método o genebrino demonstra que a desigualdade política não é consentida pela natureza, como pensavam os filósofos de sua época e a Igreja. A passagem do estado de natureza para o estado social se deu com o mau uso das potencialidades do homem, a liberdade e a perfectibilidade. O homem se tornou orgulhoso e criou para si necessidades que não precisava. Esse homem fora de sua natureza fez surgir a propriedade de terra, e com isso originou a desigualdade entre ricos e pobres; entre poderosos e fracos ao estabelecer as leis; e entre senhor e escravo com a instituição dos magistrados.

JOÁS DE JESUS RIBEIRO
jde0312@hotmail.com
Graduando, UFMA

Rousseau: a representação teatral na Carta a d'Alembert sobre os espetáculos

No teatro, uma pessoa pode ser representada por uma personagem, é alguém se reconhecendo através de outros olhares, e observar a si próprio como alguém possuidor por inteiro daquelas características demonstradas nas peças, não é visto com bons olhos por Rousseau, que critica essa postura. Para o filósofo, a sociedade civil não deveria ser representada em palcos de teatros fechados, mas apresentada em espetáculos onde o cidadão pudesse ocupar o espaço público das festas cívicas mostrando sua habilidade artística. Portanto, há liberdade de participação de cada indivíduo cívico na reunião promotora das diversões, sem ser um peso para o Estado, as famílias e os amigos. Ainda facilitando o romance de bons amantes, e realçar a virtude dentro do seio de uma pátria forte de bons guerreiros, sendo adquirida uma transparência dentro de uma civilidade corrompida, que impõe máscaras e exige uma representação.

JORGE DE ALMEIDA
jorgedealmeida@usp.br
Professor Doutor, USP

Rousseau na poesia de Schiller e Hölderlin

A poesia alemã deve muito à filosofia de Rousseau. Modelo de inovação teórica e poética, Rousseau influenciou o debate romântico alemão sobre temas importantes, como a idealização da natureza, a crítica à vida de aparências da "civilização", a nova concepção de subjetividade, o papel das artes na educação e na política, e muitos outros assuntos. Entre os seus vários leitores germânicos, Schiller e Hölderlin se destacam, não apenas por suas agudas leituras do mestre genebrino, mas também por terem dedicado dois belos poemas ao filósofo. Partindo da tradução e análise desses poemas, pretendemos recuperar o sentido e a importância do diálogo entre esses poetas e a obra de Rousseau.

JOSÉ ASSUNÇÃO FERNANDES LEITE
jfakenaton@uol.com.br
Professor Doutor, UFMA

O teatro como modelo excessivo: Platão e Rousseau

Um dos grandes problemas para uma Cidade ou Estado é a possibilidade dos seus habitantes manterem-se unidos por um sentimento comum como forma de impossibilitar os conflitos internos. É pensando desse modo que Platão e Rousseau irão afastar a desmedida em suas formas de governo, Platão em sua aristocracia e Rousseau na República de Genebra. Para a realização desse projeto, Platão em *A República* sabe que existe um "eu" de cada cidadão enquanto identidade recebida da *physis*, corpo e alma, onde a alma é o solo para ser plantado o modelo ou forma de governo que simboliza "o outro". Essa não é uma tarefa tão fácil quando se pretende formar uma cidade justa e homens com a mesma característica. Rousseau já não precisa projetar um modelo de cidade como Platão, pois tem diante dele uma república genebrina que considera justa, com um modelo que comunga o que é comum enquanto identidade, "eu", da República. O "outro" é o que vem de fora e que não faz parte da identidade dessa forma de governo e dos seus valores, como o teatro francês, com suas características excessivas. O genebrino vai precisar censurar o teatro francês, que além de ser um teatro de classe e para poucos, o mesmo traz em seu conteúdo estímulos à libertinagem e a luxúria, dois sentimentos perigosos para uma pequena república onde se tinha o costume de compartilhar em comum as suas festas cívicas que possibilitavam um sentimento de igualdade. Dessa forma, pretende-se analisar como os dois filósofos censuraram esse modelo de arte que, em suas perspectivas, levam os cidadãos à desmedida ao perderem a identidade do "eu" e o que eles pretendem deixar como sentimento fundamental nessas cidades para que possam viver de forma justa.

JOSE MERAMOIM SANTOS
meramolim@uol.com.br
Graduado, Rede Pública

Eu sou outro

Ao completar 300 anos do nascimento de Rousseau, ainda não sabemos se ele agia com a razão ou com o coração. Todavia, nas *Confissões* ele nos remete a pensar que seria mais com o coração arqueado entre a mãe natureza e o progresso humano, fenômeno

que ele soube bem utilizar para observar e conhecer os homens moldados pela sociedade civil. Assim, com ou sem razão, Rousseau ao perceber as contradições, a polidez e as ilusões do processo civilizatório, não consentiu que alguém separasse seu pensamento, sua individualidade, sua liberdade e suas teorias do seu destino pessoal. Por isso, é preciso encará-lo como ele quis se apresentar aos homens, principalmente, mostrando uma existência para além da esfera comum. Nesse sentido, sua trajetória pessoal revela que ele é "outro". A forma que o moldou não existe mais. Ele é "outro". Ou seja, o filósofo e o antifilósofo, ou simplesmente outro tipo de ser pensante em que é possível se identificar o "eu" e o "outro".

JUDITE EUGÊNIA BARBOSA COSTA
jeafrodite@gmail.com
Mestranda, UFMA

O contrato social em Hobbes e Rousseau

Hobbes e Rousseau possuem abordagens diferenciadas sobre a teoria do contrato social. Tem-se como objetivos: destacar uma breve análise sobre a construção teórica do contrato social e apresentar as principais diferenças sobre o conceito de contrato nos autores citados. Na análise proposta destaca-se: teoria do Estado, concepção individualista e a relação existente entre a liberdade dos indivíduos fora e dentro do estado institucionalizado.

JUVÊNCIO TERRA MARQUES
juvencioterra@bol.com.br
Graduando, UFSM

Liberdade segundo Jean-Jacques Rousseau

O presente trabalho tem a pretensão de abordar o conceito e a definição de liberdade conforme Jean-Jacques Rousseau apresenta em sua obra *O contrato social*. Rousseau pontua muito bem a importância de a liberdade estar atrelada à igualdade, pois fazem parte de sua teoria política. Existem dois tipos de liberdade segundo Rousseau, a liberdade natural anterior ao pacto social e a liberdade civil. Esse trabalho se propõe abordar apenas liberdade civil, adquirida após a realização do pacto social. Teoricamente e inicialmente, a liberdade civil é contemplada através do pacto, que é gerado pelo consentimento entre os membros do corpo

social. Feito este pacto por livre e espontânea vontade, os homens juntos se tornam mais livres do que antes e instaura-se a igualdade entre eles, pois a liberdade é algo natural do ser humano, que não pode ser alienada, ou seja, a liberdade é impreterível para o homem e não pode ser cedida ou vendida. Sendo assim, a liberdade pertence à essência humana, e "renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres". A liberdade é uma característica exclusiva do ser humano, pois só ele pode ter consciência dela. A liberdade define o homem como homem, isto é, a liberdade é parte da natureza humana, e renunciá-la é anular o ser humano como tal. Dessa forma, o ser humano é ser humano porque é livre. E só desfruta dessa liberdade porque a igualdade é instaurada através do pacto social. A igualdade por sua vez é estabelecida pelo pacto social, que diz respeito a uma igualdade de condições. Essa igualdade civil, não mais é a igualdade do estado de natureza, pois ela diz respeito a uma igualdade moral, direcionada apenas para o homem civil. É necessário que cada membro da comunidade abandone sua liberdade particular em vista de uma liberdade pública e social. Faz-se necessário ressaltar que todos os membros tenham a mesma proporção de igualdade e liberdade, e que assim possam viver conforme o pacto social. Desse modo, o pacto social é uma convenção, que tem o objetivo de substituir as relações particulares entre os homens por relações de cidadãos com as leis. Esse é o pré-requisito para o homem viver de modo livre e igual no estado civil. O ser humano vive em contato com outros seres humanos e quer ser livre. Portanto, é necessário que ponha toda a sua vontade sob o comando da vontade geral, e que todos os associados façam o mesmo. Na realidade, o pacto social é uma apologia a uma troca que só proporcionará benefícios aos associados. Sendo assim, o pacto exige que os homens alienem sua liberdade natural, o desejo desenfreado de fazer tudo segundo seus interesses e inclinações naturais, e adquire em troca uma liberdade civil garantida pelas leis que o próprio consentiu instituir. Então a preocupação de Rousseau era a fundamentação da autoridade política por via de convenção para obter-se liberdade igualdade de modo uniforme.

KARLFRIEDRICH HERB
karlfriedrich.herb@politik.uni-regensburg.de
Professor Doutor, Universität Regensburg

Autônomo ou autêntico? Rousseau e as aporias da cidadania moderna

Bíblia da liberdade moderna, elogio da república antiga, roteiro da revolução francesa, protótipo do pensamento totalitário, o "contrato social" de Rousseau tem recebido muitos subtítulos em sua ambígua recepção. Parece ter sido responsável por todas as descobertas e abismos da filosofia moderna e isso não é por acaso: a ambiguidade revela-se a matriz desta pequena obra-prima da filosofia política moderna. Quero mostrar que as reflexões de Rousseau sobre o cidadão moderno refletem uma profunda tensão entre as exigências de autonomia do indivíduo e a busca de uma vida autêntica e não-alienada no âmbito republicano. Essa tensão expõe mais de perto suas verdades e certezas, e nos leva a pensar novamente nas pretensões e tabus da política moderna.

KATHRIN MORGENSTERN
Doutoranda, Universität Regensburg

Discovering Intimacy: The Public and the Private in the Works of Jean-Jacques Rousseau

When focusing on Rousseau's concept of freedom, it is inevitably his notion of the public that attracts the reader's attention. This hardly comes as a surprise: He is considered a paradigmatic representative of republicanism, a current of thought that generally regards freedom as a feature of the public. In this perspective, it is the fate of the private to remain in the shadows of the public. Still, with regards to the conditions of contemporary democracy, this point of view is not comprehensive enough. When trying to answer some questions that have become essential nowadays, one is faced with an aporia. Therefore, it might well be necessary to to shed some light on the private. In order to do so, we have to go beyond the social contract - that means, beyond the famous work written by Rousseau and beyond the contractualist figure of thinking - and ask for pre-political modes of social integration that also structure the political.

While doing so, it is necessary to redescribe the limits of the public and the private and to highlight the value of the private. Next

to that, one has to emphasize the concept of intimacy, which is closely linked to, but still definitely distinct from privacy. Hannah Arendt, who serves as an antipode to Rousseau regarding the role of the public and the private, and who therefore was a severe critic of Rousseau's view in many respects, positively points to that feature of his work. For her, the discovery of intimacy was an epoch-making finding. The change from privateness to intimacy can only occur once the public and the private have been seriously marred. Still, it is not only a symptom of crisis, but also a means of overcoming it. Therefore, it depicts the ambivalences inherent in the process of modernization.

LEONARDO CANUTO DE BARROS
leonardo_canuto2@yahoo.com.br
Mestrando, USP

A paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante

A obra rousseauniana é, por vezes, um outro dela mesma. Filósofo do sentimento ou Newton do universo moral: a leitura dos escritos de Rousseau transita por vários caminhos. À luz da distinção, herdeira do cartesianismo, entre razão e sentimento, analisaremos como essas leituras opostas lançam mão desses dois elementos dando primazia a um deles. Razão e sentimento encontrarão, na nossa interpretação, um solo em que possam habitar conjuntamente. Esses dois elementos não serão tomados como opostos, sofrerão, na verdade, uma aproximação que preserva suas singularidades.

LIGIA PAVAN BAPTISTA
ligiabap@unb.br
Professora Doutora, UnB

Fundamentos do pensamento político moderno: liberdade e igualdade

Em sua obra *República*, Platão define que a cidade ideal - e, portanto, justa - é aquela construída de acordo com as diferentes características naturais de seus cidadãos, categoria que na Grécia Antiga excluía as mulheres, os bárbaros, os escravos, os muito jovens e os idosos. Os cidadãos da Callipolis estariam divididos em três categorias distintas: ouro, prata e bronze, respectivamente, filósofos, guerreiros e artesãos. De acordo com a teoria platônica do filósofo-rei, os primeiros deveriam ocupar o cargo de governantes

da pólis, os segundos estariam encarregados de sua segurança, e os terceiros de providenciar os bens necessários para a subsistência da população. A desigualdade natural permance o paradigma da análise política, desde a Grécia clássica até a modernidade, que introduz, sobretudo no pensamento contratualista/iluminista dos séculos XVII e XVIII, a premissa de que todos os seres humanos nascem livres e iguais. Como consequência lógica de tal ponto de partida de análise política, a origem do poder político não poderia estar fundada na natureza, mas sim em uma origem contratual e, portanto, artificial, sendo esta, a partir de então, a única origem legítima do poder político. Influenciado tanto por Hobbes quanto por Locke, Rousseau afirma, no capítulo I do primeiro livro de sua obra *Do contrato social*, que: "A ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos os outros. Entretanto, esse direito não vem da natureza, está fundado em convenções". Analisaremos a questão da natureza humana, tendo em vista, sobretudo, os fundamentos dos princípios da igualdade e da liberdade naturais, no pensamento político moderno, especificamente nas obras *Do cidadão* e *Leviatã* do contratualista inglês Thomas Hobbes, bem como no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e no *Contrato social* do autor contratualista/iluminista genebrino Jean-Jacques Rousseau, ressaltando sobretudo a crítica deste em relação à teoria da representação política hobbesiana. Influenciado pela teoria política de Locke, principalmente em relação à concepção de liberdade como a essência da natureza humana, Rousseau, considerando-a inalienável, introduz o conceito de liberdade civil como uma resposta à teoria da representação política hobbesiana. Nesse sentido, o conceito vontade geral, condição de realização do contrato social seria uma oposição ao conceito de pessoa artificial, por meio do qual Hobbes define o Leviatã. Na visão de Hobbes, o Estado político não poderia ser criado sem a transferência mútua de um direito, ou seja, uma liberdade. Na visão de Rousseau, não poderia haver transferência de um direito inalienável, a não ser que aquele que o transfere faça parte, ainda que uma pequena parte, da soberania.

LUCAS MELLO CARVALHO RIBEIRO
lucasmcr@yahoo.com.br
Mestre, UFMG

Verdade e natureza nas Confissões de Rousseau

A passagem que abre o primeiro livro das *Confissões* condensa admiravelmente, a nosso ver, o desígnio que Rousseau gostaria de ver cumprido por essa obra. Citemo-la: "Formo uma empresa que nunca teve exemplo e cuja execução não terá imitador. Quero mostrar a meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza; e esse homem serei eu". Essa afirmação explicita inequivocamente o desiderato subjacente à empresa autobiográfica rousseauniana, qual seja, o de apresentar à humanidade um homem segundo a "verdade da natureza". Diante disso, faz-se imperativo, no intuito de bem apreender o propósito das *Confissões*, esclarecer o sentido ali tomado pelos conceitos de "verdade" e "natureza". Tarefa que delimita o escopo de nosso trabalho.

LUCIA RICOTTA VILELA PINTO
luciavilelapinto@gmail.com
Professora Doutora, UESB; Pós-doutoranda, Unicamp

Natureza e artifício na imitação teatral

No *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inegalité parmi les hommes* (1754), a tarefa, entre outras levadas a cabo por Rousseau, consiste em distinguir o que há de originário e de artificial na natureza do homem. No entanto, o argumento dessa distinção encontra um efeito inesperado de sentido, em especial, quando Rousseau apresenta a sua definição para a paixão natural da piedade. A partir da *pitié*, orientada no *Discours* também por passagem extraída de *The Fable of the Bees* (1714), de Bernard de Mandeville, Rousseau nota a eficácia da "imagem patética" produzida pela imitação teatral. E cita o exemplo de Mandeville, um homem tomado de terríveis emoções quando contempla o assassinato de uma criança por um animal feroz. As paixões próprias à natureza desse homem mobilizam-se diante de "semelhante visão", sem que a ela se vincule qualquer "interesse pessoal". Por meio dela produz-se o *pathos* da "piedade natural", convencionalmente característico do espetáculo da tragédia. Esta apresentação aponta para o efeito do artifício da "cena", e sua correlata contemplação desinteressada, nessa imagem afetada da dor do espectador pelo jogo de pôr-se no lugar do sofredor.

LUCIANA COLETTI
lcoletti@ig.com.br
Doutoranda, Unisinos

Interesse e conflito na república democrática de Rousseau

É frequente, em Rousseau, o tema da oposição entre interesses. Há conflito quando dois interesses são divergentes e não podem coexistir após a deliberação política. Conflitos são inevitáveis porque a natureza humana é composta por vontades antagônicas. Tanto que é preciso transformar homens em cidadãos. Mesmo assim, Rousseau delega ao legislador a tarefa de captar o bem comum, evidenciando o quanto é difícil mediar conflitos. A contraposição natural entre interesse particular e geral pode inviabilizar o ideal da democracia direta, cuja consequência se dá na natureza humana, com a perda da liberdade e, no campo político, com a morte do Estado. Se conflitos são inerentes à democracia, o desafio que se coloca é estabelecer formas para sua mediação, sob o risco de, se não resolvidos, comprometer a sobrevivência do Estado. Obras principais para este tema: *Contrato social* e *Segundo Discurso*.

LUCIANO DA SILVA FAÇANHA
lucianosfacanha@hotmail.com
Professor Doutor, UFMA

Paradoxos do pensador Rousseau: escrever, uma paixão errante

Rousseau surge no cenário literário com um sentimento de uma falta que parece em tudo concorrer para o próprio agravamento da mesma, além da tentativa contínua de sempre evitá-la, principalmente, quando ratifica nas *Confissões* e nas correspondências íntimas a inauguração dos seus contrastes pela literatura ao dizer: e desde aquele instante eu estava perdido. Contudo, observa-se que mesmo o excesso desses contrastes não nos deixa incrédulos, pois, apesar de Rousseau afirmar que a infelicidade de sua vida se origina a partir desse instante de desvario, com a inspiração que faz concorrer ao prêmio da Academia de Dijon, pode-se também constatar que é nessa mesma origem que uma vida renovada surge. O próprio Jean-Jacques percebe essa alteração quando diz: no momento dessa leitura vi um outro universo e tornei-me um outro

homem. Ao mesmo tempo que admira-se da sua própria coragem, apieda-se de forma irônica de suas intensas ilusões, e, ao concluir a narrativa do Lampejo de Vincennes, ainda acrescenta: eis como, quando menos o esperava, tornei-me autor. Jean-Jacques parece não mais poder compreender e não saber mais por qual julgamento decidir; assusta-se por ter se tornado um outro. Então, deverá justificar-se, explicar-se, deverá, portanto, escrever, isto é, passar pela mediação da linguagem e da literatura. Ainda que seja para denunciar seu erro, não poderá fazer de outra maneira que não mergulhando ainda mais profundamente no erro. Assim, Rousseau se confirmará na ideia de que sua estreia literária foi o começo de uma maldição, mas também, da renovação de uma vida.

LUIS CARLOS GOETZ
luiz_goetz@hotmail.com
Graduando, Unijuí

Rousseau: natureza e sociedade no Discurso sobre a desigualdade

O objetivo deste texto é destacar, no *Discurso sobre a desigualdade*, os seguintes tópicos: a) a descrição que Rousseau faz do hipotético estado de natureza e a importância deste para o propósito de descrever as qualidades distintivas do homem natural ou metafísico; b) para Rousseau, entre os bens que decorrem do estabelecimento dos laços sociais, constam a ativação de suas paixões e faculdades e o estabelecimento da sociedade civil e que, entre os males, constam o aparecimento do amor próprio e o estabelecimento das desigualdades políticas.

LUÍS FERNANDES DOS SANTOS NASCIMENTO
luisfsnascimento@yahoo.com.br
Professor Doutor, UFSCar

Rousseau e o tema do luxo

A partir de obras como o *Discurso sobre as ciências e as artes*, o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e a *Carta a d'Alembert*, a presente comunicação busca examinar a posição original que Jean-Jacques Rousseau assume diante da chamada "querela do luxo", debate do qual participam grandes pensadores do século XVIII, como Voltaire e David Hume.

LUIZ FELIPE NETTO DE ANDRADE E SILVA SAHD
felipesahd@yahoo.com.br
Professor Doutor, UFC

O outro é necessário a minha própria completude

Para Rousseau, liberdade, moral e sociedade são três termos solidários, que marcam juntos a especificidade humana. A sociabilidade não é acidente nem contingência; é a própria definição da condição humana. Contrariamente ao que sugerem certas interpretações tradicionais de Rousseau, este não imagina os homens como já existentes, e entrando apenas posteriormente na sociedade, sendo esta em suma apenas uma opção facultativa. Bem ao contrário, a vida social é, segundo ele, constitutiva do homem; apenas em sociedade é que os homens exibem suas capacidades propriamente humanas. Uma vez que vivem em sociedade, os homens experimentam a necessidade de atrair o olhar dos outros. A ação especificamente humana é o olhar de reconhecimento mútuo: "Cada um começou a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez". O outro não ocupa mais aqui uma posição comparável à minha, mas contígua e complementar; é necessário à minha própria completude. Os efeitos dessa necessidade parecem-se com os da vaidade: queremos ser olhados, procuramos a estima pública, tentamos interessar os outros em nosso destino; a diferença é que se trata não de vício, mas de uma necessidade constitutiva da espécie, tal como a podemos conhecer.

LUIZ HENRIQUE ALVES DE SOUZA MONZANI
luizemylla@gmail.com
Mestrando, UFSCar

As críticas de Rousseau

Pretende-se analisar e comparar nesse trabalho duas críticas de Rousseau, a saber: a questão da academia de Dijon que deu origem ao *Primeiro Discurso*, isto é, é se o restabelecimento das ciências e das artes contribuiu para aprimorar ou corromper os costumes. A outra, refere-se a *Carta a d'Alembert*, escrito onde Rousseau toma a pena para responder se os espetáculos são bons em si mesmos. As respostas conhecemos de antemão, com seu parecer negativo nos dois casos. No Prefácio de *Narciso*, porém, observamos uma posição menos radical do genebrino ao afirmar que "as artes e as ciências, após terem feito eclodir os vícios, são necessárias para os impedir de se tornarem

crimes", enquanto na *Carta*, Rousseau faz semelhante observação ao afirmar que o teatro não deveria ser banido de Paris, pois essa cidade já está corrompida. A partir desse quadro, pode-se afirmar que existem duas críticas? Ou elas são, no fundo, apenas uma?

MAGDALENA SCHERL
Doutoranda, Universität Regensburg

The Order of Passion: Society and Desire in the Works of Jean-Jacques Rousseau

For Rousseau, the foundation of society is marked by the encounter of the sexes. The awakening of desire starts the socialization of men with all its ambiguities: the dangers of self-alienation, inauthenticity, submission to public opinion and the domination of amour-propre. The ambiguity of desire at the same time mirrors and conditions the ambiguity which lies in society as a whole.

Although it is irresistible in some way, Rousseau tries to suspend the fatal dynamics of man's social existence - by confining the unruliness of passion to the borders of a strict heterosexual regime. In order to domesticate desire, Rousseau relies on the female virtue of shame which structures heterosexual relations within the republic. By contrast, the "disorder of women" threatens the republican ideal.

It is startling that Rousseau's ideal of freedom and autonomy in a democratic society seems to be based on heteronormativity. Turning to Rousseau thus can help us to explore the concealed heterosexual matrix underlying even present-day politics and forces us to look for alternative ways of dealing with the challenge of preserving freedom in society.

MAICON RODRIGO ROSSETTO
rossettomsf@yahoo.com.br
Doutorando, Unisinos

Da liberdade natural à liberdade civil em Jean-Jacques Rousseau

O presente artigo toma como objeto de estudo central o tema da liberdade na obra de Jean-Jacques Rousseau. Aborda-o a partir das categorias de liberdade natural e de liberdade civil. Na primeira, o homem considerado em relação "a si mesmo e aos seus semelhantes",

a partir da prerrogativa de que "o homem nasce livre"; na segunda, toma-se o homem em relação aos vínculos sociais, sob a perspectiva de uma sociedade ideal de cidadãos livres. A questão está em saber como o autor genebrino justifica a institucionalização da liberdade civil, onde todos os membros do corpo político se transformam em sujeitos ativos e, portanto, cidadãos da comunidade política, e ainda, como "resolve" o conflito entre natureza e sociedade através de um pacto que preserve tanto a liberdade individual quanto pública.

MAÍRA DE CINQUE PEREIRA DA COSTA
mairacosta@me.com
Mestre, USP

Essência e aparência do indivíduo ao corpo político

O objetivo da comunicação será abordar em que medida a fórmula "eu sou outro" pode contribuir para solucionar o problema da vontade geral no *Contrato social*. Assim, primeiramente, iremos expor o problema da vontade geral como uma ambiguidade: se, de um lado, ela é a vontade do povo e, portanto, está nele como uma questão de fato, de outro, expressá-la é a meta política por excelência, na medida em que sua correta expressão garante a legitimidade do contrato. Exposto o problema, queremos mostrar como uma certa interpretação do "*je suis autre*" permite resolvê-lo. Compreender o indivíduo como um composto de essência e aparência, permite decodificar também a sociedade como tal. Se, de um lado, temos a aparência de muitos indivíduos ligados exteriormente, formando um povo; do ponto de vista da essência, temos um único ser que se repete a cada indivíduo e que justifica sua união e sua coesão. Nesse segundo plano, os indivíduos estariam ligados internamente. É nesse sentido que a sua vontade pode ser considerada como uma única vontade geral, que não remete à soma das vontades particulares. A ambiguidade gerada por uma vontade que é, mas não está exposta, poderia assim ser resolvida pelo apelo à distância (proposta pelo "*je suis autre*") entre essência e aparência.

MANOEL DIONIZIO NETO
dionizioneto@uol.com.br
Professor Doutor, UFCG

Do preceptor ao legislador: a interpretação da propositura da natureza

Emílio é entregue ao preceptor, que acompanha todo o processo de sua formação até a sua fase adulta. Este é o modelo do aluno, que Rousseau, fazendo-se exemplo de preceptor, apresenta para dizer que a educação começa com o nascimento da criança e se faz processo que culmina na afirmação do ser humano como ser social, pronto para assumir as diferentes responsabilidades perante si mesmo e a nação. Por outro lado, este homem, em que se fez a criança de outrora, trocou a sua liberdade natural pela liberdade civil. Respeitará agora a sua própria vontade, quando esta se fizer notar na expressão da vontade geral, que, por sua vez, expressa o interesse comum a todos. Seja no caso da educação ou na efetivação do contrato social, é a natureza que deverá ser respeitada a partir do reconhecimento que for feito dela. Como esta natureza se manifesta em cada um? O que está posto em cada um como sendo comum a todos, mesmo quando ela faz a diferença entre os particulares?

MÁRCIA DE AZEVEDO
marcia.z@terra.com.br
Graduanda, PUC-SP

Rousseau e a questão da desnaturação

O homem natural para Rousseau é aquele que age segundo sua natureza. Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá. Essas disposições entendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; forçadas, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões. Antes de tal alteração, elas são o que chamo em nós a natureza.

MARCOS RIBEIRO BALIEIRO
marcosrbalieiro@terra.com.br
Professor Doutor, UFS

A sociabilidade em Rousseau e Hume

Rousseau e Hume podem ser considerados, para além de qualquer dúvida, dois dos filósofos mais importantes do século XVIII. Sabe-se que se envolveram em uma querela bastante ferrenha, a qual deverá constituir o momento inicial de nossa exposição. Devemos observar que não nos interessa, aqui, propor um trabalho de caráter histórico ou biográfico. Pretendemos utilizar a querela entre Rousseau e Hume como um ponto de partida que permitirá que analisemos as diferenças entre os modos como esses dois autores compreenderam a sociabilidade humana. O estudo dessa questão deverá permitir que sejam elucidados pontos importantes referentes às posições que eles sustentaram, também, acerca de temas como a querela dos antigos e dos modernos, o progresso e o luxo.

MARIA CECÍLIA PEDREIRA DE ALMEIDA
cecylia.a@gmail.com
Doutora, USP

Notas sobre a consciência de si e o julgamento dos outros: Rousseau leitor de Bayle

É conhecida a oposição entre Bayle e Rousseau no que se refere ao juízo sobre o ateísmo. Para Rousseau é possível afirmar a conveniência de uma religião que reúna o culto a Deus, aos deveres e às leis do Estado. Tal seria a essência da religião do cidadão. Tal posição se contrapõe radicalmente à de Pierre Bayle, que em seus escritos tece uma crítica veemente à religião, afirmando a possibilidade de uma república formada por ateus. Parece possível afirmar que o distanciamento entre os dois autores provém de uma compreensão diferente acerca da moral e de seus fundamentos, como também das relações entre o entendimento e as paixões. No registro da *Profissão de fé*, a moralidade das ações humanas está no julgamento que os homens fazem de si mesmos. Este pensamento não diverge inteiramente do de Bayle, que vê a opinião pública como reguladora dos interesses dos indivíduos. A proposta, portanto, é investigar as aproximações e as divergências entre Bayle e Rousseau no que tange ao conceito

de consciência moral, examinando os desdobramentos que daí advêm especialmente para o domíno da política.

MARIA DE FÁTIMA SIMÕES FRANCISCO
simoes@usp.br
Professora Doutora, USP

Emílio como um outro homem: aspectos da pedagogia de Rousseau

Trata-se de abordar o tema do "*je suis autre*" no contexto das reflexões de Rousseau acerca da educação, no caso, aquelas, de um lado, em torno da educação doméstica ou da natureza, contidas no *Emílio ou Da educação* e, de outro, aquelas, menos volumosas e desenvolvidas, em torno da educação pública, contidas em passagens do *Discurso sobre a economia política* e das *Considerações sobre o governo da Polônia*. Interessa-nos abordar aspectos das máximas da educação de Rousseau na medida em que se afastam e se opõem ao que chama "prática ordinária", ou seja, às práticas pedagógicas vigentes. À medida que avança a educação de Emílio, o autor nos diz que o afastamento relativamente à prática ordinária se amplia, e que aquele leitor, que teimando em só ver o homem que tem na frente dos olhos, terá dificuldade em compreendê-lo, reconhecê-lo; ele parecerá para ele antes com uma quimera que com um homem. Em que aspectos Emílio é um outro que o homem que se tem diante dos olhos? Pretendemos abordar alguns desses aspectos.

MARIA DO SOCORRO GONÇALVES DA COSTA
maria.costah@hotmail.com
Professora Mestre, UFMA

Os fundamentos para a educação do Emílio no Livro I da obra homônima de Rousseau

A educação perpassa toda a história da filosofia e, no Século das Luzes, adquire novos significados, principalmente na filosofia rousseauniana. Estes significados estão consagrados na obra *Emílio ou Da educação* e tiveram impacto muito forte sobre os preceitos educativos que predominaram até o século XVII e início do XVIII, com consequências até hoje. Diante disto, é quase impossível não se pensar a educação na modernidade a partir dos princípios estabelecidos por Rousseau para seu aluno imaginário, o Emílio. Em vista disso, este trabalho tem

como objetivo fazer uma reflexão sobre os fundamentos que o filósofo estabelece sobre a educação pensada para o Emílio no Livro I, os quais antecedem toda a receptividade do seu aluno no contexto educativo. A educação, nesse sentido, é pensada para o "outro" em suas diversas fases da vida. Este "outro" é a criança, o jovem, o adulto, o homem, todos integrados em um só: o Emílio. Mas, ambos marcados por um traço comum, o desenvolvimento humano. Ao fazer isso, observa-se a riqueza com que o filósofo fala da educação de uma maneira geral, visando não apenas seu aluno, mas a educação do homem.

MARIA LUIZA BERWANGER DA SILVA
mlsilva@portoweb.com.br
Professora Doutora, UFRGS

Contribuição de Jean-Jacques Rousseau para o pensamento contemporâneo franco-brasileiro

Um diálogo pode ser estabelecido entre François Jullien e Jean-Jacques Rousseau, no que se refere à alteridade pela mediação do "viver" e do "perceber". Nestes dois pensadores, a abordagem da alteridade como prática de "conivência" incide na filtragem da subjetividade do homem contemporâneo, mediada pelas obras *Philosophie du vivre* (2011) e *Les Transformations silencieuses* (2009), de François Jullien, as quais, ao retomarem as *Confissões*, os *Devaneios de um caminhante solitário* e os *Diálogos*, evidenciam a relevância de Jean-Jacques Rousseau para a reflexão sobre a alteridade sob a perspectiva da mundialização. Com base no exame teórico-crítico destes dois autores, este estudo configurará a eficácia deste entrecruzamento de vozes estrangeiras para o pensamento brasileiro, hoje.

MARIA VALDEREZ DE COLLETES NEGREIROS
mvcn@fclar.unesp.br
Professora Doutora, Unesp

O gabinete botânico de Jean-Jacques Rousseau: a natureza do outro

Para além das circunstâncias em que foram produzidas, as obras autobiográficas de Rousseau nos revelam que ele quer buscar em si mesmo "ser outro". Jean-Jacques julgava-se singular à sua epoca e, nesses escritos, notamos o problema do conhecimento de

si colocado em termos do binômio razão/sentimento, e articulado por meio do tema da retórica. De fato, entender a descrição da própria sensibilidade pode esclarecer, num certo sentido, a reflexão de Rousseau acerca da natureza do outro: como nos *Diálogos*, quando indaga "como ele mesmo se sentia?" em sendo outro. E não existe passagem entre o eu e o outro. Considerando-se um "observador" da interioridade do homem e comparando-se a um "botânico que descreve a planta", busca persuadir o leitor pela afetividade em seus escritos, provocando algo de sublime na leitura do "meu assunto". E, assim como o botânico faz com os vegetais, Rousseau estuda o homem nas caminhadas junto à natureza: "só faço alguma coisa ao passear, o campo é o meu gabinete". Nesta perspectiva, a imagem do gabinete naturalista nos escritos autobiograficos de Rousseau evidencia alguns aspectos de sua arte de raciocinar e escrever discursos, na medida em que esta se funda sobre a ideia de alteridade.

MARIANA TEIXEIRA MARQUES
mariteixeiram@gmail.com
Doutora, USP

Ser Margot, ou ser o que o outro deseja

Em sua *Carta a d'Alembert* (1758), Rousseau responde ao artigo "Genève" do *philosophe* atacando tanto as artes teatrais quando os atores. Para o cidadão genebrino, o talento do ator se resumiria à arte da dissimulação, ou melhor, "de se disfarçar, de se dotar de outro caráter em relação àquele que lhe é próprio, de parecer diferente do que se é, de se apaixonar com sangue frio, de dizer coisa diversa do que se pensa tão naturalmente como se fosse pensamento verdadeiro e de esquecer, enfim, sua própria posição à força de tomar a de outros". Esta descrição do ofício e do artifício do ator funcionaria perfeitamente para explicar o comportamento do sujeito libertino em uma de suas múltiplas facetas. O objetivo desta comunicação é estabelecer um diálogo entre a *Carta* de Rousseau e o romance *Margot la Ravaudeuse* (1750), de Fougeret de Monbron, procurando demonstrar em que medida sua protagonista se constrói, dentro da lógica teatral própria ao universo da libertinagem, como antítese das posições morais e estéticas assumidas na resposta a d'Alembert.

MARISA VENTO
ventomarisa@hotmail.com
Professora Mestre, Instituto Federal Goiano; Doutoranda, Unicamp

Rousseau e a ética da autenticidade

Proponho nesta comunicação uma análise do pensamento ético de Jean-Jacques Rousseau a partir do que Charles Taylor em *Grandeur et misère de la modernité* chamou de "ética da autenticidade", e Paul Audi, em *Rousseau: une philosophie de l'âme*, de "ética da afetividade". Contrariamente à interpretação que admite haver uma cisão entre os escritos autobiográficos e os teóricos de Rousseau, penso que ao escrever sobre si mesmo o filósofo extrai conclusões importantes sobre a natureza humana que, não obstante marcarem sua singularidade, têm uma pretensão à universalidade. Entre elas a de que a existência dividida entre ser e parecer jamais será a condição desejável para o homem. A condição para a felicidade, que está explicitada no projeto rousseauniano de moral, é justamente uma relação a si e ao outro em que ser e parecer não se distingam. Essa relação tendo por fundamento a autenticidade, se transferida para o terreno da política em Rousseau, faz nascer e dá consistência à exigência ética não somente fazendo calar no indivíduo o estúpido orgulho, que tem origem no amor próprio, mas também impedindo esse indivíduo de entrar em contradição consigo mesmo.

MARIZA MARTINS FURQUIM WERNECK
marizawerneck@gmail.com
Professora Doutora, PUC-SP

Je est un autre: deslocamentos e reversibilidades do eu em Rousseau, a partir de Claude Lévi-Strauss

Em 1962, por ocasião da comemoração dos 250 anos de nascimento de Rousseau, Claude Lévi-Strauss pronuncia em Genebra uma conferência: "Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem". Curiosamente, ao referir-se a obras como *O contrato social* ou o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, como textos fundantes da ciência antropológica, Lévi-Strauss elege também alguns dos escritos mais intimistas e autobiográficos de Rousseau como aqueles que não só tornaram possível o advento das ciências do homem, como prefiguraram o nascimento do ofício de etnógrafo. Segundo ele, Rousseau reverte o

cogito cartesiano em pleno coração do século XVIII, ao estabelecer uma identificação radical com o outro e, ao mesmo tempo, uma recusa à identificação consigo mesmo. Para Lévi-Strauss, o eu rousseauniano, precário e ambíguo, antecipa também a formulação famosa, preconizada por Arthur Rimbaud em uma de suas cartas sobre os poetas: *Je est un autre*, que desestabiliza e reverte, de forma definitiva, as concepções até então vigentes do eu e do outro. O homem deve conhecer-se como um "ele" antes de ousar pretender que é um "eu", afirma Lévi-Strauss, ao mesmo tempo em que indaga: que escreve o etnólogo senão confissões? Passados exatos 50 anos dessa conferência, o Rousseau levistraussiano ainda inquieta, e suscita novas leituras. A proposta desta comunicação é uma releitura deste texto à luz dos textos autobiográficos de Rousseau e das confissões de Lévi-Strauss, presentes em *Tristes trópicos*.

MARLENE DE SOUZA DOZOL
dozol.carreirao@uol.com.br
Professora Doutora, UFSC

Rousseau e uma poética da superfície

Mas voltemos a nos perguntar, de maneira geral, sobre o feitio desse "Eros" que encontramos sobrevoando aqui e ali - nos passeios, no jardim, nos cômodos da casa, na "montagem" de suas figuras femininas, numa conversa ou refeição, numa planta... - a escrita de Jean-Jacques Rousseau. No *Banquete*, Agatão compara "Eros" à Deusa Atê, a de pés delicados, que não anda sobre o solo, mas sobre a cabeça dos homens. É o Deus que rege as relações de superfície. Para tocarem ou serem tocados por Ele, os homens precisam ser brandos, pois é sobre estes que consente andar e residir. Esse elogio a "Eros", ao negar a conversão socrático-platônica, parece "inaugurar" o que chamei, no título acima, de "poética da superfície". Sendo assim, haveria também esse gênero de poética em Rousseau? Se sim, por quais artifícios de linguagem o filósofo-artista daria conta de tal poética? Que lugar ocupam na "estranha indústria" de "dizer" seu pensamento e sua sensibilidade?

MAURO DELA BANDERA ARCO JÚNIOR
maurodelabandera@yahoo.com.br
Mestrando, USP

Os acentos da paixão

Trata-se de investigar por que a reflexão de Rousseau sobre a música assume um ponto capital no *Ensaio sobre a origem das línguas*. Com ela tanto a gênese quanto a estrutura da linguagem são pensadas a partir de um telos que não a gramática. Por meio da análise da noção de acento, vislumbraremos que a representação sofre uma implosão na teoria de Rousseau, pois a linguagem assume um paradigma musical de ação indireta de um indivíduo sobre outros em que a noção de representação não participa. A linguagem em Rousseau se desvincula, portanto, da tradição cartesiana que dá à representação um paradigma pictórico.

MERYELEN AQUINO DE OLIVEIRA
meryelen_star@hotmail.com
Graduando, UFMA

Rousseau: o papel da educação na Carta a d'Alembert e no Prefácio de Narciso

Jean-Jacques Rousseau é uma grande influência nos modelos educacionais contemporâneos. O presente artigo intenciona abordar a função pedagógica das artes no pensamento de Jean-Jacques Rousseau, fazendo uma relação entre o Prefácio de *Narciso*, no qual Rousseau fala que não há como abolir as ciências e as artes de um povo já corrompido, já que para esse tipo de sociedade as ciências e as artes se fazem necessárias para impedir que os vícios acabem se tornando crimes. E a *Carta a d'Alembert*, onde o autor vai tecer questionamentos sobre até que ponto a instalação de um teatro na República de Genebra vai influenciar na educação dos jovens.

MICHELE AMORIM BECKER
micheleab@gmail.com
Doutoranda, UFS

Considerações em torno da opinião pública em Rousseau e Habermas

Nosso objetivo é apontar as principais teorizações sobre a opinião pública, a partir de dois pensadores importantes, situados em momentos distintos da história: Jean-Jacques Rousseau e Jürgen

Habermas. Rousseau afirma no *Contrato social*, não ser a natureza, mas a opinião que decide as escolhas e os prazeres dos homens. Assim, quanto mais as opiniões se aproximam da unanimidade, tanto mais prevalece a vontade geral. Já Habermas ressalta em *Direito e democracia* que a sociedade civil pode, por meio da opinião pública, influenciar o complexo parlamentar na tomada de decisão. Nesse sentido, cabe-nos demonstrar como o conceito de opinião pública, apresentado por Rousseau, é retomado e aprofundado na contemporaneidade por Habermas.

MILTON MEIRA DO NASCIMENTO
milton@usp.br
Professor Doutor, USP

Bipolaridade dos membros da comunidade política no Contrato social

Se o contrato social tem por objetivo a proteção dos indivíduos tomados como seres do estado de natureza que precisam conservar sua liberdade, sua vida e seus bens, a relação que se estabelece entre esses mesmos indivíduos e a comunidade política após o pacto assume dimensões complexas e que são determinantes para a elucidação da nova condição que se caracteriza pela cidadania. Quem é então este homem que agora se chama de cidadão? Ao mesmo tempo em que abriu mão de sua liberdade, de sua vida e de seus bens em favor da comunidade política, a razão de ser de sua permanência nela é exatamente a conservação de tudo aquilo que alienou, numa nova condição que lhe permitirá possuir mais forças para conservar tudo o que tinha e ainda tem. Entre o dever de pautar-se pela vontade geral e a tendência de obedecer a sua vontade particular, o cidadão terá sempre de fazer um exercício de aprendizagem de sua nova identidade bipolar.

MIRELA MORAES
mirela.teresinha@gmail.com
Mestranda, UFPel

Rousseau, crítico da modernidade

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a leitura dos *Discursos* revela um Rousseau contestador de seu tempo e também permite projetá-lo como um dos primeiros críticos do paradigma

da modernidade quando este ainda estava em formação. Rousseau simboliza a polêmica, o contraditório da grande euforia das "luzes" que doravante acompanharão os caminhos trilhados pela humanidade. Ele, quase como um vidente, porém com impressionante lucidez, alerta para os desvios no caminho do progresso, interroga sobre a trajetória da ciência e suas consequências das quais o século XX dará grande testemunho. Se a modernidade traz consigo a afirmação da razão e o desenvolvimento da ciência, traz também a autocrítica na letra de Rousseau.

NATÁLIA FERRARINI GIOPATO
natalia.giopato@usp.br
Graduanda, USP

A responsabilidade educacional do Estado para a realização do conceito de República em Rousseau

A pesquisa a ser apresentada discorre sobre o papel do Estado no processo formativo do cidadão republicano, considerando o conceito de República (do latim *res publica* - coisa pública), o qual só seria legitimado no âmbito político-social com a vontade popular representada pelo governante. A educação é pensada por Rousseau para melhor reflexão política por parte do membro do corpo político, o cidadão, a qual circunscreveria o fortalecimento da identidade nacional e da virtude pública pela desnaturação do homem e apropriação de conhecimentos relativos à herança cultural de sua nação, tornando o povo ciente de seus direitos civis e de sua capacidade de emanar no Estado seu poder político.

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI
napedroni@hotmail.com
Mestranda, Unesp

Memória: uma intersecção entre ser e escrever em Les Rêveries du promeneur solitaire, de Jean-Jacques Rousseau

Esta comunicação fundamenta-se na análise da obra *Les Rêveries du promeneur solitaire* de Rousseau, a partir do tema da memória, com a finalidade de verificar como tal tema se manifesta nesta que é uma das obras inaugurais do pré-romantismo francês. Com a linguagem e a visão de mundo centradas no egotismo, na sensibilidade, no gosto pela solidão e pelo devaneio, o filósofo busca,

através da memória, escapar da morte. Esse tema é importante para o entendimento do ser que deseja conhecer-se e desfrutar de si próprio por meio da escrita egótica. Ao fixar-se pela escrita, o filósofo intenta duplicar sua existência e voltar aos tempos de felicidade duradoura anteriormente vivenciada.

PAULO FERREIRA JUNIOR
ferreirapaulojr@yahoo.com.br
Graduando, Unicamp

Eu sou o outro: a negação de si e os dilemas morais no romance A nova Heloísa

A nova Heloísa é um dos trabalhos mais perspicazes de Jean-Jacques Rousseau. Nessa obra, o filósofo de Genebra pôde dar ao grande público uma eficaz lição moral. A tentativa de conciliar o amor e a virtude é o tema central no qual se desenvolve a trama do romance. Nesse contexto, o presente trabalho pretende situar no quadro moral proposto por Rousseau o lugar do eu e o lugar do outro, e verificar em que medida a conciliação do amor com a virtude pode ser considerada como a negação de si ou como a compreensão do outro.

PEDRO PAULO DA COSTA CORÔA
pcoroa@ufpa.br
Professor Doutor, UFPA

Filosofia e religião em Rousseau

Se existem temas consensualmente sujeitos a mal-entendidos, entre os filósofos, a religião é um dos mais evidentes. A necessidade de pensá-la e a imensa dificuldade de justificá-la no interior dos sistemas, reiteradamente, exigiu grande esforço crítico e analítico de filósofos como Platão e Kant. E Rousseau? Qual o lugar da religião em seu pensamento? Em *Do contrato social*, Livro Quarto, Capítulo VIII, Rousseau aborda a religião civil. Quem poderia ser mais suspeito para tratar desse assunto, ainda mais em uma obra de filosofia política, que um fiel tão inconstante, ora católico, ora protestante? Por outro lado, por que fechar uma obra tão importante com esse assunto? E como não pensar nas *Cartas escritas da montanha*? O que pretendemos, ao tocar nessa questão, é mostrar a sintonia natural, inclusive relativamente aos mal-entendidos, entre a posição de Rousseau e a de grandes filósofos, como Platão.

PEDRO PAULO PIMENTA
pgpimenta@yahoo.com.br
Professor Doutor, USP

Rousseau nas origens da antropologia estrutural

Numa conferência pronunciada em Genebra em 1962, por ocasião dos 250 anos de Rousseau, Lévi-Strauss declara que o filósofo é o "fundador das ciências do homem". Não é que antes de Rousseau não existisse o estudo das coisas humanas ou do homem em sociedade, mas esse estudo, atrelado aos paradigmas da filosofia antiga ou da retórica, não chegara a se elevar à condição de investigação conduzida a partir de princípios com vistas à constituição de sistema. Em vez de acusar Lévi-Strauss de ser um discípulo ingênuo de Rousseau (Derrida) ou, pior ainda, de ser um romântico incurável (Geertz), seguiremos as indicações de Bento Prado Jr. e investigaremos em que medida a leitura de Rousseau permite a Lévi-Strauss conceber a antropologia estrutural como ciência.

PRISCILA DE OLIVEIRA SILVA
prih.o@hotmail.com
Graduanda, UFMA

Rousseau e a transparência no Discurso sobre as ciências e as artes

Na obra *Discurso sobre as ciências e as artes*, texto elaborado em resposta à pergunta da Academia de Dijon, se o restabelecimento das ciências e das artes teria contribuído para aprimorar os costumes, Rousseau responde pela negativa e afirma que o desenvolvimento destas está estreitamente relacionada à degeneração dos costumes e corrupção do gosto. Desde o *Primeiro Discurso*, o autor defende que o homem em seu estado de natureza vivia do amor de si mesmo, porém, à medida que o homem se afasta do estado natural para viver em sociedade, ele nega o "eu" e se distancia da transparência para viver do amor próprio e assim se tornar "outro".

PRISCILA GRIGOLETTO NACARATO
priscila.grigoletto@terra.com.br
Professora Doutora, Universidade Santa Cecília (Santos/SP)

Juízos a respeito de Rousseau e de sua obra: conhecimento ou distorção

Jean-Jacques Rousseau é um autor com diferentes interpretações e recepções por parte dos leitores, desde sua época até nossos dias. Isso tem acontecido, em grande parte, porque as pessoas o leem de modo superficial e incompleto e, por vezes, intencionalmente. Trataremos de quatro aspectos da pedagogia de Rousseau, aspectos esses que exerceram grande influência nas propostas pedagógicas de seus seguidores e, também, porque foram alvo de questionamentos e apropriações diversas, a saber: a noção de liberdade - se o homem é naturalmente bom, não há porque reprimi-lo, mas apenas secundar a obra da natureza; o novo olhar para a infância - a criança representa aquele homem natural ainda não corrompido pela vida em sociedade; a educação negativa - ênfase na educação seguindo a marcha da natureza e, por fim, o papel do mestre - que será o responsável por preservar no indivíduo o seu coração livre do erro e do vício, possibilitando a formação do homem moral, fim último da educação proposta por Rousseau.

RAFAEL DE SOUSA PINHEIRO
rafasemnada@hotmail.com
Graduando, UFMA

Festa pública e transparência na Carta a d'Alembert

Na *Carta a d'Alembert*, Rousseau apresenta algumas razões pelas quais o teatro de comédia não deveria ser instaurado na República de Genebra. Um tema fundamental, presente nas obras deste filósofo, é a sua concepção de transparência. O presente artigo reflete a relação entre natureza, entendida como parâmetro de medida através do qual as representações podem distanciar-se ou afastar-se, e a abordagem presente na filosofia de Rousseau acerca da transparência. Busca-se investigar de que maneira esta pode estar inserida na *Carta a d'Alembert*, e o modo pelo qual perpassa as concepções do filósofo nesta obra, acerca da educação e da política. Ao fim, ressalta-se a importância do consentimento

à festa pública, relacionando-a com a concepção do genebrino acerca da transparência, mostrando como esta permanece presente naquele tipo de espetáculos.

RENATO MOSCATELI
rmoscateli@hotmail.com
Pós-doutorando, UFG

A distinção entre a liberdade moral e a liberdade política: uma discussão a partir das propostas educacionais de Rousseau

Para os pesquisadores da obra de Rousseau, estabelecer relações entre a pedagogia e a política é muito comum, pois alguns dos principais textos do filósofo versam sobre esses campos, tendo ele próprio indicado ligações entre os dois. Porém, embora se trate de um tópico bastante explorado, há certas operações analíticas empregadas para abordá-lo que são recorrentes apesar de partirem de uma opção que me parece equivocada, a saber, o uso do *Emílio* como a fonte das referências mais importantes para o pensamento de Rousseau a respeito da formação do cidadão. Meu intuito é expor argumentos para contestar essa escolha, ressaltando a distinção entre a liberdade moral e a liberdade política, bem como as diferenças entre os modelos educacionais mais adequados para preparar o homem e o cidadão.

RICARDO MONTEAGUDO
rmonteag@uol.com.br
Professor Doutor, Unesp

O outro da vontade geral: sobre o direito dos povos em Rousseau

Rousseau previu uma continuação do *Contrato social* que trataria do federalismo e do direito de guerra. Recentemente, um conjunto de manuscritos foi remontado e oferecido como uma versão intitulada *Princípios do direito da guerra*. Pretendemos discutir a presença de hipóteses do *Contrato social* neste texto, críticas à Escola do Direito Natural e especialmente o que há de novo a respeito do direito dos povos. A remontagem dos manuscritos contém avanços conceituais em relação à versão anterior, assim uma breve análise das implicações conceituais das diferenças pode apontar novos

caminhos. O texto montado tem formulações fortemente retóricas, o que indica - a exemplo do *Discurso sobre as ciências e as artes* - pensamentos iniciais, *partis prises* e ainda um projeto de pesquisa, mas a maturidade da reflexão sobre o republicanismo e o direito dos povos em Rousseau permite avançar no que se tornará duas décadas depois os direitos do homem e do cidadão.

RODRIGO ADRIANO MACHADO
rodrigom@unochapeco.edu.br
Graduado, Universidade Comunitária Unochapecó/SC

Cioran e Rousseau: eu me afogo no outro, o outro se afoga em mim...

Em *Os devaneios do caminhante solitário*, vemos que a implicação de uma vida para com os outros, no filósofo nascido em Genebra de nome Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), deu lugar a uma indiferença visceral quando diz: "Teria amado os homens apesar deles mesmos. Ao cessarem de sê-lo, só puderam privar-se de minha afeição". Depois de uma vida de notáveis pensamentos e caminhos abertos a fim de uma melhora existencial para toda uma sociedade, foi justamente na solidão que Rousseau buscou a felicidade: "aprendi, assim, por minha própria experiência, que a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar miserável aquele que sabe querer ser feliz". Mas onde procurar, onde vasculhar esta sensação que atravessa a linha tênue entre um eu e um outro? Já no filósofo Romeno - radicado francês - Emil Michel Cioran, na obra *Nos cumes do desespero*, em que se apresenta e ao mesmo tempo diz afastar-se do espaço filosófico, desvela-se um lugar comum de onde se fala: "O lirismo representa uma força de dispersão da subjetividade por indicar, no indivíduo, uma efervescência incoercível da vida, que sem cessar exige expressão. Ser lírico significa não podermos permanecer fechados em nós mesmos", assim revelando que "Tornamo-nos líricos apenas em razão de uma lesão orgânica e total. A fonte do lirismo acidental está nas causas externas; uma vez desaparecidas, desaparece também, implicitamente, seu correspondente interior" - e daí a indiferença! A quebra orgânica. A maneira de suportar esta tristeza de perder o correspondente talvez esteja no olhar devastador do diário, por isso, esta é mais do que uma questão de filosofia, é uma questão atual emergente.

RONNIELLE DE AZEVEDO LOPES
ronnesingular@gmail.com
Mestrando, PUC-SP

Das Confissões aos Devaneios - entre parecer e ser: do desvelamento ao recolhimento

Rousseau escreve as *Confissões* como uma tentativa de justificar suas escolhas frente à condenação de sua aparência por parte dos olhares dos outros. Não obstante, ele descobre que os outros não vão ao encontro de sua natureza, de seus sentimentos e do seu ser interior. Nesse âmbito, durante os dois últimos anos de sua vida, escreve os *Devaneios do caminhante solitário* como uma busca de recuperar a si mesmo por meio da solidão. Enquanto nas *Confissões* Jean-Jacques aguarda a aceitação do seu ser por parte dos olhares dos outros que insistem na aparência e na injustiça, nos *Devaneios* o autor recolhe-se em si mesmo, como se estivesse cansado de tentar convencer os outros. Deste modo, escreve: "Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia [...]. Teria amado os homens a despeito deles próprios". Refugia-se em si mesmo para não se corromper. Próximo de si, se encontra com sua natureza mais íntima e, neste encontro, se dissolve na sua própria natureza. Como afirma Starobinski em *A transparência e o obstáculo*: "Descobre em si mesmo a proximidade da transparência original; e esse 'homem da natureza' que ele buscara na profundeza das eras, agora reencontra-lhe os 'traços originais' na profundeza do 'eu'."

SHIRLEI DANTAS SILVA ALVES
shirleidantas@ymail.com
Graduanda, UFS

Rousseau e os escritos do Abade de Saint-Pierre acerca da paz perpétua

Nosso intuito nesta comunicação é analisar a proposta de paz perpétua sugerida pelo Abade de Saint-Pierre, autor do *Projeto para tornar perpétua a paz na Europa*, e contrapô-la ao exame de Rousseau, a partir dos compêndios que resultaram num *Extrato* e num *Julgamento*. Pois, no *Projeto* o abade propõe uma União Europeia dos príncipes cristãos como única garantia de estabelecer a paz perpétua na Europa. Diferentemente deste na sistematização dos manuscritos, o cidadão

genebrino defende as associações federativas regionais. Desta maneira, a discussão temática com estes autores fomentam o debate acerca das relações internacionais e seu desdobramento em organizações supranacionais - semelhantes à Organização das Nações Unidas.

SÍLVIO ROSA FILHO
silvio.rosa@unifesp.br
Professor Doutor, Unifesp

Suspensão do desequilíbrio: uma forma de reversão na Cinquième promenade de Rousseau

Sabe-se que as dimensões da prosa crítica rousseauniana preservam, no limiar da filosofia política e da literatura europeias, amplo potencial (cognitivo, moral e expressivo) para pensarmos a gênese de uma certa tradição crítica da modernidade. Como afirma Alain Grosrichard, dos primeiros *Discours* às últimas *Rêveries*, a obra de Rousseau não deixa de designar, no interior de si mesma, o seu próprio exterior. Ora, entre o silêncio da origem, aparentado às imagens e aos signos que se manifestam no mundo onírico, e o silêncio da escravidão, onde a fala se cala sob a prevalência e os desdobramentos da escrita, uma camada sedimentar do texto rousseuaniano dá testemunho do bom encontro entre o sentimento de si do indivíduo e a formação do cidadão no estado social. Assim, gostaria de acompanhar primeiramente, no interior da reforma intelectual e moral proposta pelas *Rêveries*, o movimento pelo qual Rousseau estabelece a distinção entre devaneio abstrato, a vivência do sentimento de si na Ilha de Saint-Pierre, e devaneio profundo, a experiência estética que institui o seu alcance no texto da *Cinquième promenade*. Trata-se de indicar, em seguida, algumas consequências dessa reforma rousseauniana. Se foi suspenso o equilíbrio em repouso da natureza primeira, se a história do mundo não faz senão agravar a dinâmica do desequilíbrio, o sonho acordado propicia, por seu turno, o pensamento de um jogo específico de contrabalanços onde discurso e prosa poética se mostram indissociáveis de uma crítica da natureza apenas representada. É de se esperar que, nessa evanescência da representação, o discurso das *Rêveries* apresente, pois, uma forma específica de reversibilidade: ele já não seria o de um indivíduo esclarecido pela luz das palavras e pelo olhar de outros indivíduos sociais, mas, antes, a partir de um sujeito presente a si mesmo em sua integralidade reencontrada, dele a palavra recobraria o valor de uma irradiação singular.

SÔNIA CAMPANER MIGUEL FERRARI
soniacampaner@uol.com.br
Professora Doutora, PUC-SP

Educação e natureza: Rousseau e Benjamin

No século XVIII, Diderot e Condorcet, "movidos pela busca de uma sociedade mais justa, livre e igualitária (...), engajaram-se em alastrar o saber científico e cultivado entre as massas populares para que estas, 'esclarecidas' a respeito de suas próprias capacidades e interesses, pudessem participar, com autonomia, da vida econômica, política e cultural das nações", segundo Patrícia Piozzi. Na proposta de Diderot o principal objetivo da escola pública era o de "propiciar o acesso à instrução àqueles 'cujas famílias não podem arcar com os custos de uma educação doméstica'". Os benefícios dessa educação estendem-se, segundo o filósofo, ao conjunto da sociedade na medida em que os talentos e virtudes de um contingente maior de cidadãos poderá ser desenvolvido e colocado a serviço da mesma sociedade que proporcionou essa educação. Rousseau, embora por muitos não seja considerado um pensador iluminista no sentido estrito do termo, principalmente quando critica a sociedade de sua época e aponta nela certas sementes de regressão, apresenta em *Emílio* a forma de educar que faz com que a criança cresça independentemente dos valores e hábitos sociais. O saber de si mesma da criança a torna crítica diante da sociedade corrompida. Pretendemos discutir, à luz de propostas distintas da de Rousseau, como a de Walter Benjamin, o significado de uma educação que se dá a partir da observação dos mecanismos da natureza humana, e ao mesmo tempo, a partir da proposta de Rousseau, pensar a educação da criança enquanto pertencente a um coletivo.

SUZANE DA SILVA ARAÚJO
suzanea@gmail.com
Mestranda, UFPA

Rousseau e a formação do conceito de subjetividade

Nosso objetivo é tratar da noção de subjetividade no pensamento de Rousseau, considerada, por ele, como fonte de unidade natural entre os homens. A base de nossa argumentação será o *Emílio*, Livro IV, que marca uma mudança na discussão sobre a subjetividade, rompendo com a perspectiva intelectual moderna

inaugurada com a filosofia cartesiana. Mostraremos como as críticas de Rousseau à subjetividade cartesiana fornece nova forma de tratar a noção, dando uma orientação surpreendente à discussão acerca do conhecimento, tendo como consequência o movimento romântico, para o qual o filósofo de Genebra é tido como precursor.

TAYNAM SANTOS LUZ BUENO
taynambueno@gmail.com
Doutoranda, USP

Política, linguagem e representação em Rousseau

Pretendemos, nesta comunicação, apresentar alguns pontos relativos à noção de representação na obra do autor genebrino, realizada sob três aspectos distintos. Em um primeiro momento, buscaremos compreender a noção de representação no desenvolvimento das paixões, da história e das instituições. Guiados pela dicotomia existente entre ser e parecer, abarcaremos as principais características desta noção sob o ponto de vista do paradoxo entre realidade e aparência, elucidando sua significação, apontando sua gênese e compreendendo sua relação com os demais processos de expansão cultural do homem. Em um segundo momento, procuraremos compreender as relações existentes entre representação e linguagem, o efeito direto da representação na constituição das línguas, as diferenças entre a língua escrita e língua falada e sua relação com o processo de corrupção humano. Buscaremos evidenciar o papel da linguagem no desenvolvimento moral do homem, bem como sua inseparabilidade do aprofundamento das paixões humanas e do desenvolvimento de suas instituições. Finalmente, nos aprofundaremos nas relações existentes entre representação e a política propriamente dita, salientando o efeito nefasto que a representação possui neste âmbito. Nossas preocupações aqui limitam-se a compreender a denúncia feita por nosso autor à teatralização do poder, compreender o caráter de ilegitimidade da representação no interior do corpo político a partir da doutrina do *Contrato social*, sobretudo com base na concepção de vontade geral.

TEREZINHA DUARTE VIEIRA
teteterete_1@hotmail.com
Doutoranda, Unicamp

O conhecimento útil e as noções de utilidade no pensamento de Rousseau

Este texto pretende desenvolver a ideia de conhecimento útil presente no pensamento de Rousseau, "o mais útil e menos avançado de todos os conhecimentos humanos parece-me ser o do homem". Não é apenas o conhecimento do homem que se pretende analisar, todavia a utilidade em conhecer o homem no sentido do desenvolvimento da autonomia e da autenticidade em um ambiente de convivência. Nessa perspectiva, há no livro III do *Emílio*, noções de utilidade que parecem estabelecer relação com a ideia do conhecimento útil na perspectiva rousseauniana. Nesse caminho, esta pesquisa buscar desenvolver e discutir essa relação a fim de encontrar bases epistemológicas para pensar a formação humana que, ainda nos dias atuais, se manifesta como limite e desafio na constituição do homem e na sua relação de convivência com o outro.

THIAGO VARGAS ESCOBAR AZEVEDO
thiagoveazevedo@gmail.com
Mestrando, USP

Rousseau e o trabalho: da luta contra os obstáculos às relações sociais

O objetivo da comunicação é situar o trabalho humano no contexto da oposição entre natureza e sociedade, refletindo sobre seu papel no surgimento da mútua dependência entre os homens. No estágio inicial do estado de natureza, os homens andavam isolados e eram independentes uns dos outros: sem indústria e sem possuir qualquer tipo de necessidade de seus semelhantes, o homem bastava-se a si mesmo. Não sendo suficientemente ativo, era passivo e bom e, livre de interesses alheios, não observa qualquer relação moral com seus semelhantes. Buscaremos abordar, entretanto, de que modo o homem passa a necessitar do trabalho e da atividade do outro para que possa satisfazer suas necessidades. A exigência de atividade perante obstáculos oporá não apenas o trabalho às adversidades naturais, opondo o homem à natureza, mas preparará o terreno para o despertar da consciência do outro.

THOMAZ KAWAUCHE
kawa@usp.br
Pós-doutorando, USP

O legislador como o outro do Estado

O tema do eu que se desdobra em um outro na busca do autoconhecimento não se limita aos escritos autobiográficos de J.-J. Rousseau. No *Contrato social*, é possível considerarmos o corpo político como um "eu comum" - pois trata-se de uma "pessoa pública", ou ainda, de um "corpo moral e coletivo" - que vê a si mesmo tanto como súdito quanto como soberano. Tal configuração de alteridade, todavia, depende de um ser extraordinário, o legislador, que desempenha o papel de *alter ego* do corpo político, pois conhece os homens de perto sem contudo misturar-se a eles. De fato, sem esse guia, o povo não é capaz de discernir a vontade geral e, por conseguinte, não pode determinar o bem comum que procura a fim de instituir as leis por meio das quais o Estado se conservará. A dificuldade é que essa figura exterior ao corpo político que orienta os membros do pacto na criação do sistema legislativo parece, à primeira vista, incompatível com a imagem de uma associação que se autoinstitui enquanto tal e que só se submete às leis estabelecidas pelos próprios membros. O objetivo desta comunicação é apresentar uma leitura que mostre a necessidade do legislador na economia interna do *Contrato*, levando-se em conta que Rousseau considera o Estado com base em dois pontos de vista distintos: o da história (o plano concreto das coisas tais como são) e o do direito político (o plano do dever-ser). Nesses termos, afirmamos que o recurso ao legislador se dá apenas do ponto de vista da história, e que tal perspectiva não contradiz o ponto de vista do direito, mas, de acordo com a estrutura do próprio *Contrato*, apenas a complementa.

TOBIAS MAIER
Doutorando, Universität Regensburg

Which freedom? Towards an ascertainment of the volonté générale out of the conventions' spirit

To gain a better understanding of Rousseau's principes du droit politique focusing on his concept of freedom seems necessary to me. I'd like to make the case that in Rousseau's sense freedom doesn't consist in arbitrariness but in following our

natural needs. The main problem the Contrat social is about to solve consists in conserving the individual freedom of man under the condition of association. Freedom shall be carried forward which comprehends an antecedent image of freedom. This form of freedom can be found in the status naturae purae, where the homme naturel lives his life, where he exists. It is some sort of expressive freedom that can be found there. The natural man is free in every moment of his natural life only by following his free will. Rousseau's dream of a republican utopia is based on this image of expressive freedom. In achieving this goal Rousseau goes back to the lawgiver, whose pedagogical program of denaturizing men to citizens takes place behind the back of the contracting parties. Where once the individual needs of the body set the free will's point of reference in transferring to the civil state they are transformed into collective needs, so to say to conventions. It's the lawgiver's business to sublimate the collective affairs to a »habit of the heart«. In the end it is Rousseau's prerational or even unconscious concept of freedom which led to several misreadings of his political philosophy. Furthermore it allows us to discover the imaginary side of the social, the meaning of culture.

VALDIR VIEIRA REZENDE
valdir.vvrez@gmail.com
Mestrando, USJT

As Confissões, uma biografia da desigualdade: sobre as fontes da formação moral e teórica de Jean-Jacques Rousseau

O objetivo desta comunicação é expor uma reflexão sobre alguns fatos narrados por Rousseau em sua biografia *Confissões* que contribuíram para a sua formação moral e teórica. Com esta reflexão compreenderemos melhor a origem dos interesses do filósofo por questões como a desigualdade e a liberdade, problema e valor, respectivamente, centrais em obras como o *Discurso sobre a desigualdade* e o *Contrato social*.

VITAL FRANCISCO C. ALVES
vitalalves1@gmail.com
Mestre, UFG

Notas sobre a desigualdade social na teoria política de Rousseau

Em suas obras, *Discurso sobre a economia política* e *Do contrato social*, Rousseau descreve as razões pelas quais a desigualdade social pode colaborar para o advento da corrupção. Na percepção do filósofo genebrino, tal desigualdade contribui para a acumulação de riqueza dos abastados, e essa conduz ao luxo, que, nos termos de Rousseau, "corrompe ao mesmo tempo o rico e o pobre, um pela posse e outro pela cobiça". Por conseguinte, os homens se tornam brandos, servis e perdem o interesse pelos assuntos públicos, mas, além disso, a desigualdade, ao gerar o luxo, instaura a corrupção, acabando por elidir a virtude cívica, isto é, o amor à pátria e às leis, e suscitando a violação da liberdade, fundamento crucial da ordem política de Rousseau. Em vista disso, nossa comunicação terá especificamente três objetivos: primeiramente, analisaremos a concepção de desigualdade social e como ela fomenta o luxo. Em segundo lugar, examinaremos os motivos que guiam Rousseau a asseverar que o luxo ressalta a desigualdade e fustiga a corrupção. Por fim, perscrutaremos por que o luxo pode vir a suprimir a virtude cívica e promover a violação da liberdade na teoria política de Rousseau. Desse modo, esperamos engendrar uma discussão producente e quiçá estabelecer uma reflexão acerca do que propomos.

VLADIMIR DE OLIVA MOTA
deolivamota@hotmail.com
Professor Doutor, Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE)

Voltaire e Rousseau: o teatro e os costumes

Desde o século XVIII, Rousseau e Voltaire são colocados como adversários irreconciliáveis. Eles não se frequentavam e, talvez, nem mesmo tenham se encontrado; todavia cada um foi atento à obra do outro. Das tantas ideias possíveis de serem arroladas como causas das divergências entre esses filósofos, encontram-se as posições discordantes frente ao teatro. O que aqui se pretende é expor um aspecto desse antagonismo a partir da discussão acerca da possibilidade do teatro possuir ou não

uma utilidade moral. Para tal, este trabalho irá se concentrar na polêmica que envolve a publicação do artigo "Genebra" da *Encyclopédie* - assinada por d'Alembert, mas inspirada por Voltaire, o que motivou a confecção da célebre *Carta a d'Alembert* do Cidadão de Genebra - e tomará como questão norteadora da investigação a seguinte pergunta: o teatro desenvolveria costumes duvidosos em Genebra ou ajudaria esse país a adocicá-los?

WAGNER CIPRIANO ARAÚJO
rev.wagner@hotmail.com
Doutorando, Unicamp

Eu, Tu e o Outro: a harmonia e os conflitos entre política e religião no pensamento de Rousseau

Rousseau é um homem angustiado pelas mudanças de seu século. No caminho de todas as transformações do XVIII, está a mutação da presença do poder religioso dentro do Estado. No debate desse problema filosófico, encontramos partidários em todos os lados, seja para lutar pela derrubada da presença religiosa no Estado, seja para combater seus excessos intolerantes, como aqueles que querem garantir a sua manutenção sem dano algum a ela mesma e ao espaço político. Ora, a religião é mesmo tão necessária ao Estado? Se a resposta anterior é verdadeira, de que modelo religioso estamos falando? Antes de apresentar um modelo adequado, Rousseau destaca três modelos superados. O paganismo, o cristianismo do Evangelho e o cristianismo institucional. Para substituir essas formas religiosas em crise, a solução pensada foi uma alternativa entre elas, uma religião que conserve o despertar de pertencer a algo maior nos homens e que conduza a sociedade a um equilíbrio que no fundo beira a felicidade natural. A religião civil foi uma invenção de Rousseau enquanto formato conceitual, sua criação deve-se à união de grandes conceitos no seu sistema de pensamento e que buscam harmonizar os conflitos entre o Eu o Tu e os Outros dentro do Estado.

WILSON ALVES DE PAIVA
wap@usp.br
Professor Doutor, PUC-GO

Emílio e Glauco: um e outro na alteridade da formação

Na questão da formação, o personagem Emílio evoca a ideia do homem natural sendo preparado para viver no meio social. Mais do que isso, permite a reflexão acerca de uma possível reconfiguração humana, uma vez que a sociedade corrompeu os homens e, como a estátua de Glauco, sua figura se encontra deteriorada. Compreendendo, porém, que os traços originais podem sem recuperados, a estética da representação vem à tona de uma forma dialética: o homem natural se projeta no outro, isto é, no artificioso homem civil, levando em conta as disposições primitivas como sólidas bases para o desenvolvimento das virtudes necessárias para viver em qualquer sociedade. A educação emiliana permite essa alteridade, sem ocultar a verdadeira natureza do homem.

ANOTAÇÕES